



Culturas Jovens: Nômades no mundo em fluxo

Editorial

*Cultura pop, rave, hip-hop, blogs, clubbers chat, flash-mob e outros termos, a maioria da língua inglesa, são uma das manifestações da cultura jovem contemporânea. O nomadismo, a passagem do 'ser' para o 'estar', a contínua criação da identidade, são alguns aspectos que pesquisadores(as) como Maria Isabel Mendes de Almeida, Massimo Canevacci, a Profª.Carmen de Oliveira, o Prof. Gustavo Fischer e o Prof. Hilário Dick discutem no boletim do IHU nesta semana. Muitos outros aspectos precisariam ser abordados. Nesta semana, abrimos um debate que, necessariamente, deve continuar na nossa agenda e nas pautas futuras do **IHU On-Line**, pois, sem*

dúvida, como afirma a Prof^a. Dr^a. Maria Isabel Mendes de Almeida, “a universidade como formadora desses jovens deve se questionar muito” frente aos desafios que a cultura ou as culturas jovens contemporâneas representam. O tema de capa deste boletim está também contemplado, embora sob outro aspecto, no artigo de Z. Bauman e na resenha do livro de Paolo Virno, **Gramática da multidão**. O conceito de “modernidade líquida”, cunhado por Bauman, explicitando o fato que “hoje em dia estamos todos em movimento” ajuda a entender o “nomadismo” da cultura jovem, hoje. O debate da conjuntura política é um tema importante neste número, com a reprodução de duas entrevistas. Uma de um conceituado jurista, Fábio Konder Comparato, e outra do sociólogo argentino Atilio Borón.

O combate à fome é abordado sob um novo ângulo pela Prof^a. Sonia Rocha, economista. Uma boa leitura a todos e uma ótima semana!

JOVENS DA UNISINOS: UMA FÁBRICA DE SONHOS

IHU On-Line encontrou alguns alunos e alunas nos caminhos da Unisinos e, num bate-papo informal, quis saber o que passa pelas suas cabeças e o quais são seus pensamentos, sonhos e planos.

“FOMOS JOGADOS NO MUNDO”

Flávia Possebon Martins, 22 anos, estuda Engenharia Civil, mora em Porto Alegre e trabalha na empresa da família, uma fábrica de azulejos fora de linha. Entre suas preocupações atuais, a principal é a firma própria que administra com a família. O medo é da falência, diante das estatísticas atuais do mercado. A faculdade e o pouco tempo para administrar a vida também são aflições que Flávia enumera em seu cotidiano. Mas ela sabe que é preciso. “Quando passamos da adolescência para a maturidade, temos que nos emancipar. A mãe não fica mais puxando nossa orelha, porque não tomamos banho ou não escovamos os dentes. Por um lado, é bom ser sozinha, mas por outro é ruim, porque fomos jogados no mundo”.

Na Universidade, Flávia se sente à vontade com o alunos do curso de Geologia. Ela se identifica com eles pela questão da preocupação com o Planeta e pelo estilo do grupo. “Eles são tranquilos. Encaram os problemas sem estresse”. Ela não compactua com o pensamento do Diretório Central dos Estudantes (DCE). “São políticos demais para o meu gosto. Querem ser radicais como o PT. A saída é conversar para lutar pelos direitos, não ir acusando de cara”.

A jovem ingressou na Unisinos prestando vestibular para Arquitetura, mas mudou de idéia no caminho. “Eu precisava de mais dificuldade”, argumentando a escolha do curso de Engenharia Civil. Flávia é filha de professora e considera este fator de extrema importância para explicar seu gosto pelos estudos. “Gosto de calcular. Matemática é um desafio e me dá prazer”.

Entre seu sonhos e planos para o prazo de dez anos, Flávia espera ter construído, no mínimo, cinco prédios bem grandes. Seu maior sonho, porém, é construir a casa própria. “Sou muito crítica. Desde pequena entrava nas casas e não gostava de uma coisa ou outra. Quero fazer minha casa, colocar uma placa bem grande com meu nome na frente, e depois de pronta dizer: “Ficou perfeita; fui eu que fiz”. Para completar a cena, a futura engenharia se vê casada e mãe de gêmeos.

Sobre a juventude atual, Flávia é da opinião de que ser jovem não significa ter liberdade cedo, sem cumprir obrigações. Isso acarreta, mais tarde, a ausência de liberdade para fazer escolhas. “Precisamos valorizar a orientação de nossos pais. É uma proteção que o jovem não vê”. Ser jovem, para a aluna, é construir a própria liberdade. É sair, se divertir, fazer amigos, mas com responsabilidade. Jovem patrocinado pelos pais é totalmente preso, porque fica dependente para sempre. “Ser livre não é usar drogas, ou correr de carro, como a novela mostra”.

“TODOS QUEREMOS SER SURFISTAS E DANÇAR REGGAE”

O aluno do curso de Ciências da Computação, Marcelo Eduardo Colling, 22 anos, mora em São Leopoldo e trabalha com programas de computação. Entre suas preocupações cotidianas estão seu trabalho, a faculdade e o namoro, que está indo muito bem, evoluindo a cada dia. Marcelo gosta do emprego. Sente que aprende e cresce muito com ele. “Não tenho nada a reclamar em minha vida”. Na Unisinos, ele costuma se reunir com antigos colegas do Ensino Médio, que se formaram na mesma escola e vieram para a Unisinos. “Nós gostamos das mesmas coisas, falamos dos mesmos assuntos, como mulher, futebol e outras besteiras”. Marcelo vê o DCE como uma organização que luta por suas causas, mas não obtém resultados. Ele confessa não gostar de política. “É muito difícil encontrar um político que lute 100% pela causa do povo e não por sua causa pessoal. Fico desiludido e prefiro ficar longe”.

Quando ingressou na Universidade, o rapaz teve dúvidas se cursaria Ciências da Computação, Engenharia Elétrica ou Publicidade. Agora que já está no terceiro semestre de Ciências da Computação, quando o curso “começa de verdade”, não se arrepende da escolha. Ele acredita no sucesso da profissão, já que, no futuro, pretende ser pai de família e empresário da computação.

Marcelo se identifica com a juventude de hoje. “Todos queremos ser surfistas e dançar reggae”. Para ele, ser jovem é aproveitar a vida com mais liberdade, não ter compromissos, viajar, fazer loucuras sem medir as conseqüências. “Quando eu for mais velho, não vou ter ânimo para essas coisas. É preciso aproveitar a vitalidade da juventude para correr atrás do que queremos”, conclui.

CONSUMISMO MALUCO ENTRE A “GURIZADA”

“Geração saúde” é o lema de vida da aluna Iacira Schier, 23 anos, estudante de Biologia e residente em São Leopoldo. Iacira planta hortaliças sem agrotóxicos para o comércio e fabrica produtos na linha de perfumaria com ingredientes naturais. Ela se preocupa com seu futuro, com o futuro do mundo, com o meio ambiente e com a sociedade. “Se as pessoas consomem a cesta básica nutricional, sem agrotóxicos, e fazem exercícios, viverão até os 100 anos”, prega. Iacira tem observado que as pessoas não querem mais ser ajudadas. “Resolvi cuidar de mim e montar essa empresa. Não corro risco nenhum. Se as pessoas não quiserem se cuidar, pelo menos eu vou estar comendo bem”. O único porém na saúde de Iacira é consumo do cigarro. Mas ela pretende parar, depois de seis anos de vício. Iacira não tem grupos de convívio, nem participa muito dos diálogos na Universidade. Ela afirma que aceita todas as opiniões, mas não gosta de política. “Uma vez nós tentamos nos envolver com política em Pelotas. Teve tanta falcaturia! Eu vi de perto o quanto cada um quer tudo para si. Quando alguém quer algo para todos, é prensado contra a parede”, desabafa.

A jovem escolheu cursar Biologia, porque, para ela, a vida é a única coisa concreta que existe. “O resto, o ser humano inventou para poder viver. Mas, o que fazer com a vida, isso

é de cada um”. Entre seus planos para o futuro, está a mudança para o Nordeste do Brasil, já que não quer mais passar frio. Iacira pretende construir uma pousada para turistas e ser uma grande empresária, pois ela gosta disso. A jovem não pensa em ser bióloga, mas cogita a possibilidade de ser professora de Biologia. “Faço esse curso para aprender. A minha função tem que ser de conscientizar as pessoas, não fiscalizar o que fazem pelo meio ambiente”, explica. Iacira não quer ter filhos. “Já tem tantos no mundo, sem eira nem beira por aí”.

A aluna se declara contra a juventude de seu tempo e se considera fora do sistema. “Essa gurizada vive num consumismo maluco. São todos fúteis. Ninguém se preocupa com nada, caem fácil na jogada da televisão, não sei como conseguem!”. Ela não entende como um jovem pode gastar o dinheiro de seu salário comprando um tênis de R\$ 200,00, ou uma jaqueta de R\$ 300,00, ao invés de investir em estudos ou viagens. “Depois essas pessoas reclamam de assalto, quando perdem todo o salário em cinco minutos. Poxa, isso é tentador para quem não tem. Eu me visto de um jeito simples, sou da roça, e ando despreocupada pelas vilas. Nada me acontece. Até o ladrão tem mais que eu”. Ela também é contra telefone celular, com exceção dos casos de emergência. “As pessoas deixam de viver momentos muito bacanas, às vezes, para atender uma pessoa que não está nem vendo a expressão enquanto fala”, explica.

“SER JOVEM É APRENDER COM A VIDA”

Enquanto tomava chimarrão no intervalo de uma das aulas, José Francisco Ribeiro Júnior, 21, conversou com **IHU On-Line** sobre seu estilo de vida. Ele é aluno do quarto semestre do curso de Direito, mora em São Leopoldo e trabalha numa produtora de eventos. Preocupa-se muito com seu futuro profissional, com o futuro da sociedade e com a violência das ruas. “Ainda não sei se isso vai virar um caos ou não”, diz. O trabalho não é motivo de preocupação para José Francisco. O que tem lhe tirado o sono ultimamente é a indecisão com relação ao curso. Ele não sabe se está fazendo um investimento em si mesmo ou se está satisfazendo a vontade de seus pais, que insistem na necessidade de o filho concluir o ensino superior. “Até agora não tive o retorno esperado da Unisinos. Quando ingressei, tinha outra visão, e as coisas estão ficando cada vez piores. Todos os dias os alunos perdem alguma coisa, tanto no aspecto financeiro quanto pedagógico”, desabafa, acrescentando que acredita estar no prejuízo. Sua preocupação se dá porque não há garantia de espaço no mercado de trabalho e talvez ele nem exerça a profissão relacionada ao curso que realiza.

José Francisco tem um bom relacionamento com os integrantes do DCE e compartilha do pensamento e das políticas de ação do Diretório. Fora da Unisinos, ele tem um grupo de amigos que chama de “pessoal da noite”. Em geral, são músicos e artistas. Quanto à posição partidária, o aluno de Direito confessa que se identifica com idéias, mas não com partidos políticos. Justifica dizendo que não existe nenhum partido bom.

A escolha do curso se deu pela afinidade com o tema. Enquanto cursava o Ensino Médio, José Francisco trabalhou numa empresa de advocacia. Por conhecer o ramo, o estudo lhe dá prazer. “O conhecimento que obtemos no curso de Direito é muito amplo. Envolve Filosofia, História, linguagem, as leis, e tudo o que compõe a sociedade”. O jovem conclui que o Direito impõe a necessidade de cumprir regras. “Quem gosta de anarquia? Apesar de haver coisas a serem revistas, eu gosto da idéia de controle”, confessa.

Projetando sua vida para um futuro dentro de dez anos, José Francisco se vê formado e talvez exercendo outra profissão. “O importante é aproveitar o dia de hoje. Quando eu tinha onze anos, imaginava que, quando estivesse com 21, estaria barbudo, casado, com

emprego fixo e estabilizado financeiramente. Agora vejo que minha vida mudou pouco de lá para cá”, conta.

Quanto aos jovens de sua idade, José vê todas e todos anexados a uma massa de manobra. Vestem as mesmas roupas, ouvem as mesmas músicas, questionam as mesmas coisas, quando questionam. E termina dizendo que se identifica mesmo é com a juventude de 20 anos atrás. “Ser jovem é ter presença de espírito e disposição para conhecer coisas novas, aprendendo com a vida”.

“INDEPENDÊNCIA SE CONQUISTA, NÃO SE GANHA”

Louise Ciarelli, 18 anos, é aluna de Nutrição e mora na cidade de Rolante. A jovem se esforça constantemente para obter um bom desempenho na faculdade, para, como resultado, conseguir um bom emprego. Na Unisinos, as tribos de Louise são seus colegas de curso, os participantes do Diretório Acadêmico da Nutrição e o DCE. “Temos todos os mesmos objetivos, que são: uma mensalidade mais justa e um sistema interno melhor. Temos que andar juntos”.

Nutrição foi a opção de Louise, porque suas amigas falavam bem do curso, e ela sempre se interessou. Admite que está gostando muito. Numa projeção de dez anos, a aluna se vê formada, trabalhando na área, com independência financeira. “Não sei se vou estar com alguém, mas mãe não vou querer ser ainda. Só penso em construir minha vida, minha carreira e minha casa”. Ela se vê refletida totalmente na realidade dos jovens de sua idade. Para ela, ser jovem é descobrir coisas novas e ir atrás do que se quer. “Quando criança, nossa vida era unida à vida de nossos pais. Ser jovem é buscar independência disso, sabendo que a independência se conquista, não se ganha”.

“O QUE TIVER QUE SER, VAI SER. VIVO UM DIA APÓS O OUTRO”

A jovem estudante de Psicologia, Estela Andreazzi, 21 anos, mora em Porto Alegre e não trabalha atualmente. Sua preocupação atual se detém nos estudos e na sociedade. “O mundo está perdido. As pessoas estão perdidas. Ninguém sabe mais que caminho está seguindo. Está tudo bagunçado”. Mesmo com esses pensamentos um tanto pessimistas, Estela acredita que “o importante é ser feliz e fazer o que é certo, no tempo certo”.

A aluna se sente representada pelo DCE e compartilha do pensamento do grupo. Em outros tempos, ela freqüentava a beira do lago, no Centro de Ciências da Saúde, e encontrava lá um grupo de pessoas que tinha seu perfil. “Agora os guardas não deixam mais a gente ficar ali. Ficam olhando para a gente com cara feia, e o clima do lugar mudou”. Estela foi batizada na Igreja Católica, mas freqüenta habitualmente várias outras religiões, principalmente o culto espírita, com o qual se identifica bastante. Sua posição política é neutra. “Sou o retorno do povo. Se muitas pessoas estão indo para um lado, é porque algo de bom tem lá. Eu vou também. Não tenho opinião política formada. Não curto e não sei nada sobre política”.

Estela optou cursar Psicologia depois de ter feito quatro semestres de Pedagogia e descobrir que esse não era seu caminho. Para ela, o importante é estudar o comportamento e o desenvolvimento do ser humano. “Em todas as profissões, se trabalha com o intelectual, e a vida das pessoas é baseada no centro do corpo que é o cérebro”. O campo que a aluna pretende estudar é a criança e ela confessa que está adorando o curso.

Futuro não é a palavra preferida da jovem. “Não me projeto. O que tiver que ser vai ser. Vivo um dia após o outro. É óbvio que se eu pudesse sonhar, desejaria tudo de bom para meu futuro. Mas essa é outra história”. Estela se mostra desiludida com os jovens de sua época,

principalmente os mais jovens. “As pessoas não pensam mais. Antigamente a moral era mais forte. Os adolescentes de hoje fazem coisas que só pessoas com mais de 20 anos podem desfrutar plenamente. Parece que ou é hoje ou não é nunca mais. Tudo virado, numa pressa, numa adrenalina. A vida não é assim! Há uma estrada que precisa ser percorrida com calma. Hoje em dia nem os pais têm mais controle sobre seus filhos”. Estela atribui esse fato aos jovens adquirirem responsabilidades muito cedo, crescendo e amadurecendo muito rápido e de forma precoce. Em geral, ela se considera uma jovem feliz.

GUERREIROS DA NIGHT

Entrevista com Maria Isabel Mendes de Almeida

*Maria Isabel Mendes de Almeida é doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário do Rio de Janeiro (IUPERJ), professora do departamento de Sociologia e Política da PUC-RJ, coordenadora e pesquisadora do Centro de Estudos Sociais Aplicados - CESAP - do Conjunto Universitário Candido Mendes. Ela e a antropóloga Kátia Maria de Almeida Tracy são autoras do livro **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**, Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Durante dois anos, as professoras pesquisaram a diversão noturna de meninos e meninas de 15 a 19 anos da classe média carioca. Maria Isabel é autora também do livro **Masculino/Feminino: tensão insolúvel - Sociedade brasileira e organização da subjetividade**, Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Além do atual livro que estuda o nomadismo da juventude, a autora também publicou trabalhos sobre tatuagem, maternidade e as relações entre mídia e subjetividade. Atualmente, vem estudando as relações entre o ecstasy, as raves e a percepção que os jovens de hoje têm do espaço e da própria subjetividade. Maria Isabel conversou por telefone com IHU On-Line sobre sua pesquisa e seu livro recém-lançado.*

IHU On-Line- Em que sentido a juventude é nômade?

Maria Isabel Mendes de Almeida- Há uma mudança de época. As referências de tempo e espaço não são as mesmas. A noção de tempo, antes ligada ao espaço da fábrica, cede lugar para a noção de espaço, de mobilidade, de deslocamento nos centros urbanos muito mais voltados a deslocar a trajetória característica mais marcante, e o espaço ganha força. Os jovens habitam o trajeto e não os pontos fixos. O nomadismo emblematizado na idéia de “ficar”, característica das relações tão diferente do namoro da década de 70, por exemplo. Trata-se de um fluxo contínuo, uma performance afetiva mais forte que a idéia de reflexão sobre a relação. Fluxos contínuos de relação onde se dá uma importância muito grande ao corpo. É uma sociedade muito voltada para o consumo, a visibilidade, regido muito mais pelo estar que pelo ser.

IHU On-Line- O grupo adquire uma importância fundamental?

Maria Isabel Mendes de Almeida- O coletivo é tudo, muito mais forte que décadas atrás. Eles dizem “vou sair com o geral”, “a turma”, “os negos”, é como uma certa animalidade, o mundo físico é muito forte. Até o beijo se serializa. Em um depoimento, uma menina disse que o primeiro beijo é sempre o último. Na minha época, na década de 70, o primeiro beijo era toda uma odisséia, até febre dava. O sentimento importa menos que o afeto. Na nossa geração, era muito importante a socialização em torno do par. Agora, o fato de os meninos beijarem mais de 30 numa noite torna o beijo absolutamente físico e material. Ele está beijando uma e já olhando para outra. Há uma coletivização da experiência, diferente do individualismo de décadas atrás, mas essa coletivização não significa comunidade. O coletivo exerce uma censura muito forte.

IHU On-Line- De que forma o grupo pune?

Maria Isabel Mendes de Almeida- Deixando fora, saindo, passando da linha. Há muito medo de “pagar o mico”, perder a linha, há um “básico” de que se tem pânico: sair, que seria sair na noite e se passar na bebida até vomitar, ou sair da estética, dos cabelos lisos, dos tons pastéis, as meninas são muito uniformizadas. Os meninos têm uma espécie de *score*, uma aposta permanente. As meninas também “ficam” muito. Por outro lado, um pegador excessivo sai da linha. Nada pode ser excessivo. Ninguém pode sair da linha, a não ser nos lugares específicos para perder a linha, como as “chopadas”, muito usadas entre calouros em que bebem sem parar, ou as festas *rave*, mas isso faz parte da exceção, e não da rotina.

IHU On-Line- O livro chama a atenção para certas expressões criadas pelos jovens na noite, o que essas expressões sugerem?

Maria Isabel Mendes de Almeida- A linguagem é muito semelhante à guerra. Há um universo comandado que parece quase militar. Percebemos isso, mas não sabemos muito por quê. Acho que há uma similitude na supremacia do físico. As pessoas vão para se pegarem e não para se encontrar. São “guerreiros da night”. Evidentemente não estamos falando da juventude alternativa. Há muitas experiências performáticas. A linguagem é interativa, não reflexiva. O “tipo assim” ou “saqualé”, em vez de sabe qual é, um tipo de interação que tem a ver com a internet, uma linguagem de emenda, de traço, de união sempre gravitando no ar.

IHU On-Line- De que maneira se manifesta uma certa sensibilidade, muitas vezes atribuída aos jovens, que faz com que eles sintam a injustiça e respondam com rebeldia?

Maria Isabel Mendes de Almeida- A sensibilidade não a percebemos. São pessoas muito devoradas pelo consumo, pela necessidade de se divertirem, de transformarem qualquer lugar em ponto de encontro, de “ferveção”. Rir muito, se divertir, se reunir. Todos os espaços são reclassificados. As pistas se transformam em pontos de observação, não param, não há nenhuma capacidade de ancoragem.

IHU On-Line- Como eles lidam com a dor e o sofrimento próprios?

Maria Isabel Mendes de Almeida- Eles não se encontram com a “galera” para falar de problemas. Essa atitude também está fora. Nos próprios *shoppings*, por exemplo, estão os lugares para pegarem as meninas, e há outros para os que estão angustiados e reclamam da vida. É um universo extremamente quadriculado.

IHU On-Line- Quais os desafios apontados pela pesquisa?

Maria Isabel Mendes de Almeida- Há uma necessidade de aprofundar mais essa mudança, essa nova sensibilidade que está no ar. Na introdução feita por Renato Janine Ribeiro, ele fala de uma sensibilidade em mudança. Essa mudança tem a ver com a tecnologia, com a idéia de competência, com uma certa idéia de superficialidade e com muitas outras coisas, é um novo mundo. Nesse sentido, vemos que muitas coisas têm que mudar. A psicanálise, por exemplo, deve lidar com uma geração que não valoriza o autoconhecimento, o mundo interno. Uma geração para a qual os valores não significam nada. A maneira de abordar o sofrimento, as angústias têm que mudar, porque os jovens são mais corporais na sua dor, e não reflexivos.

IHU On-Line- Como a Universidade deve pensar estas realidades, já que esses jovens, na sua grande maioria, passam pelas universidades?

Maria Isabel Mendes de Almeida- A universidade como formadora desses jovens deve se questionar muito. Tento estimular visualmente as aulas que eu dou hoje, porque a teoria em si é difícil de ser absorvida, são quase um espetáculo, com recursos audiovisuais e leituras imediatas. Infelizmente não dá para fazer muita leitura, porque a maneira de absorver é mais superficial. A geração *zapping* faz tudo ao mesmo tempo: estudar, falar ao telefone, ouvir música, assistir à TV e consegue se concentrar. É um desafio muito importante entender o que está acontecendo. É melancólico fazer um julgamento, um pânico moral.

ANTROPOLOGIA DA JUVENTUDE

Entrevista com Massimo Canevacci

*Massimo Canevacci é antropólogo e professor da Faculdade de Sociologia da Università "La Sapienza", Roma, Itália. Ele dirige a revista **Avatar**. Pesquisador preocupado com as questões da cultura urbana tem se debruçado sistematicamente sobre temas de ponta da contemporaneidade, bem como visitado o Brasil com certa regularidade, sendo que em maio de 2000, visitou a Unisinos participando da Semana da Imagem na Comunicação, evento promovido pelo Centro de Ciências da Comunicação. É autor de livros como: **Antropologia da Comunicação Visual**. São Paulo: DP&A Editora, 2001; **A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Nobel, 1997; **Culture Extreme**⁽¹⁾, **Mutazioni giovanili tra i corpi delle metropoli** Roma: Meltemi, 2000; e **P.J. Didattica etnografica sperimentale**, Roma: Meltemi, 2002.*

*O antropólogo concedeu a **IHU On-Line**, por e-mail, a entrevista reproduzida abaixo. Ela foi respondida em português pelo autor, com exceção de algumas expressões que a redação do boletim traduziu e revisou.*

IHU On-Line- Haveria um jovem globalizado ou diante da globalização surgem formas juvenis de sobrevivência?

Massimo Canevacci- Em primeiro lugar, nas grandes metrópoles ocidentais e agora também do Oriente, norte e sul do mundo, o mais advertido componente da juventude foi sempre o super-interessante fenômeno das culturas e da comunicação mundial. É raro que um jovem metropolitano (e agora a cultura metropolitana, e quase em cada lugar) fique isolado nas suas próprias raízes. Depois, a crítica da juventude sempre globalizou e tentou relocalizar o que acontece no mundo. Não existe uma política localizada ou, se existe, (na Itália, por exemplo, a Lega Lombarda) é conservadorismo. Nesse sentido, a prospectiva de um jovem na frente móvel da cultura-consumo-comunicação globalizados não é de sobrevivência, mas de desafio por uma transformação dos códigos e também (espero) das instituições políticas, tendo em vista que os conflitos contemporâneos são sempre mais internos para a comunicação. E assim na direção de uma progressiva libertação pluralizada.

IHU On-Line- Como funciona a memória da juventude atual? Há uma extensão do presente e um corte com o passado e com o futuro?

Massimo Canevacci- A memória é uma obsessão do mundo adulto. É o seu monumento para sobreviver. Acho esta contínua reclamação de memória como algo bem conservador. É tentar fazer sobreviver o passado como presente, e mais, fazer coincidir o passado e o ego dos

¹.- Com a letra 'X' em maiúsculo, mesmo!

adultos. Seria melhor ler de novo Nietzsche que fez sobre a memória uma extraordinária leitura na *Genealogia da Moral*. Ele faz o elogio do esquecimento ativo: nenhuma felicidade, nenhuma esperança, nenhum presente poderia existir sem capacidade de esquecer... Ou seja, é graças à amnésia que cada pessoa pode produzir algo novo que não quer se enquadrar na lógica tradicional do domínio... Nada é mais terrível do que a capacidade de ficar congelado no próprio passado, seja subjetivo, seja histórico. Esta obsessão pela memória deverá suscitar uma pesquisa sobre o mundo adulto do porquê ele não quer elaborar o novo desafio que emerge do presente. E este é o motivo por que fica parado no seu passado.

IHU On-Line- Que leitura o Sr. faz das festas *rave*, da cultura *clubber*, com sua música *techno*, de crescente popularidade, pelo menos no Brasil?

Massimo Canevacci- Espero que agora a editora DpA do Rio consiga publicar meu livro (*Culturas extremas*), no qual eu falo da minha pesquisa sobre isso... O *rave* (que agora já acabou como momento de dissolução) significou a maior crítica-prática da cultura industrialista. Transformar, por um longo dia, o lugar da produção de mercadoria (a fábrica) em lugar de conflito tradicional, a interzona de novas formas conflituais. Bom, tudo isso nunca será entendido pela cultura adulta, que fica sentada na frente da TV Globo, pronta para ir, de novo, trabalhar no dia seguinte. A *techno*, na sua ligação com a música eletrônica, representa uma extraordinária possibilidade de um novo sentir. Um sentir antropofágico e antropológico que dança sobre os destroços da política industrialista.

IHU On-Line- Há uma repetida queixa de que o jovem não se compromete com nada, nem política, nem religião, nem relacionamentos estáveis, etc? É uma falsa leitura?

Massimo Canevacci- É falsíssima: é a leitura de um mundo adulto que só sabe escutar o seu próprio passado e os próprios códigos, que estão mortos. Na maioria da juventude, acontece uma necessidade enorme de mudar: só que exprimem isso, igualmente, com códigos lingüísticos e lógicos diferentes. Uma multilógica está nascendo contra a tradicional monológica adulta.

IHU On-Line- Os jovens têm maior facilidade para aceitar os diversos "outros"? A vida das grandes cidades e a cultura visual ajuda para isso?

Massimo Canevacci- Naturalmente. A cultura e, sobretudo a comunicação, seja corporal, seja *tecno-com*, é um momento fluido de mutação.... Como disse antes, a cultura metropolitana é fundamental, porque é diferente da cultura trabalhista da fábrica. Estamos nessa transição: da cidade política da indústria (trabalho, partido, sindicato, dialética, síntese, etc.) para a cultura comunicacional metropolitana, que é mais líquida, híbrida, sincrética do lado tecnológico e comunicativo, mais que religioso. O prazer da diversidade é a antropologia política e comunicacional do presente.

IHU On-Line- Como o Sr. interpreta o *piercing*, tatuagens e outras formas de comunicação dos jovens através do corpo?

Massimo Canevacci- No corpo, nada é natural. Tudo é sempre cultural, produzido simbolicamente nas diversas culturas. O corpo mutante da juventude representa este desafio em naturalizar o corpo, que a sociedade dominante quer tornar limpo e regular pelo tempo-do-trabalho... Também agora muitos destes códigos corporais, incorporados, querem produzir e liberar corpos-prazer, sensualmente e graficamente prontos a se encontrarem com outros/as.

IHU On-Line- Qual é a incidência que a juventude tem hoje na cultura? E na política?

Massimo Canevacci- Na cultura de movimento, é fundamental a política: acho que o termo deveria ser modificado profundamente pela ligação com a cidade (polis) e o partido e a dialética (síntese e dualismo). Uma nova política deve contrastar com o dualismo do pensamento, contra a lógica binária, para desenvolver novas formas pluralizadas (como a identidade que quer ser sempre mais fluida, e não compacta, como uma condenada à morte por toda a vida). Os jovens com os quais eu trabalho querem ir nessa direção.

HIP-HOP: UM GRANDE MOVIMENTO JUVENIL DO SÉCULO XXI

Entrevista com Carmen Oliveira

*Carmen Oliveira é professora do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com tese titulada **Brasil, além do ressentimento: cartografias da subjetividade brasileira**. A professora concedeu entrevista a IHU On-Line apresentando alguns comentários sobre sua pesquisa da Cultura Hip-Hop realizada na Unisinos nos anos de 2001-2002.*

IHU On-Line- Quais foram as principais descobertas proporcionadas pela pesquisa junto ao movimento hip-hop?

Carmen Oliveira- Ao longo de dois anos, dediquei-me a pesquisar sobre *hip-hop*. Eu tinha conhecido o movimento *hip-hop* na época em que presidi a Febem do RS, a partir de 1999. Nesse tempo, fui procurada por alguns ativistas se oferecendo para um projeto piloto em que desenvolveriam oficinas de cultura *hip-hop*. Para eles, o *hip-hop* consta de quatro elementos: a dança *break*; o rap que é a rima, a poesia; o DJ, o cara que fica com as *pic ups*, e, finalmente, o grafite. Haveria um quinto elemento, que é a atitude. Quando se trabalha o quinto elemento está-se trabalhando a cultura *hip-hop*. Fui descobrindo que o movimento deslocava algumas coisas em termos da juventude brasileira. Por exemplo, dava visibilidade para a juventude de periferia, justamente em um momento em que a mídia globalizada dá uma imagem de referência de estética juvenil e que não contempla a juventude de periferia, tornando o jovem suburbano invisível na cidade, duplamente excluído, com uma exclusão: material e simbólica. Outra questão que o *hip-hop* deslocava, era uma certa idéia de juventude alienada, despolitizada, à mercê do mercado de consumo cultural. Eu venho de uma geração na qual nós, jovens, éramos ativistas, pelo movimento estudantil dos anos 60 e desde então há um grande vácuo em termos de movimento juvenil no Brasil. Eu vejo a cultura *hip-hop* como um dos grandes movimentos juvenis do final de século XX e início do século XXI.

IHU On-Line- De que maneira se expressa essa dimensão política do movimento?

Carmen Oliveira- Um exemplo disso é o fato de que o movimento negro no Brasil se vê fortalecido pelo movimento *hip-hop*. Uma das questões pautadas por eles é a discriminação racial. A própria dança de rua é uma mistura de capoeira com raízes africanas. É uma forma de resistência dos negros em contraponto à estética globalizada branca e uma resistência a ser vista apenas como objeto de gosto branco. O que eu vi no *hip-hop* é tanto a reprodução dos velhos papéis da mãe que fica em casa e cuida dos filhos quanto das meninas/os tentando se deslocar desses papéis. Por isso acho o movimento uma das coisas mais interessantes deste início de século. Eles pautam questões que são muito importantes. A violência, não só a urbana também a doméstica, a exploração sexual e tantos outros, e tomam ações também nesse sentido. Levam a sério. Já vi meninos tirarem dinheiro do bolso para fazer um *fanzine*, ou para comprar um *spray* para grafitar a cidade. É um contraste muito grande com o desperdício de alguns projetos que não aproveitam o jovem para trabalhar pelo próprio jovem.

IHU On-Line- Qual é a participação das jovens no movimento?

Carmen Oliveira- Eu prestei especial atenção para o feminino no *hip-hop*. Por exemplo, no *funk* brasileiro, há uma expressão da dança mais pornográfica, a dança tem uma gestualidade de insinuações sexuais que torna a menina da periferia alvo da cobiça sexual. A menina sente-se seduzida nesta falsa aceitação que se tem da imagem dela, mas, na verdade, é uma aceitação que a subjuga como objeto de desejo do branco. Eu custei a entender, no *hip-hop*, por que as meninas, quando sobem ao palco, se vestem como meninos, calças largas, camisetões, mas, depois escutando-as, entendi que essa é uma forma de resistir a serem vistas apenas pelos seus corpos. Elas querem subir ao palco, para que o público escute a rima que elas compuseram, e não para que olhe para as bundas ou o peitos delas. As meninas não têm a mesma presença que os meninos no movimento. Elas são mais consumidoras das produções culturais dos meninos, mais que propriamente subir no palco, estar rimando, grafitando, dançando. E comecei a perceber um tom muito sexista nas rimas e versos. Chamando as mulheres de cadelas, de vagabundas. Então vi que assim como havia elementos de resistência também havia elementos que reproduziam os velhos repertórios. Nesse tempo, descobri uma pesquisa de um americano que explicava esse fato, dizendo que a mulher negra nos EUA está ascendendo mais ao mercado de trabalho, portanto dependendo menos do homem e, em muitos casos, não optando por uma conjugalidade e que isso estaria sendo motivo de ressentimento para os jovens negros que estariam usando o *hip-hop* como forma de guerra contra esta emancipação.

IHU On-Line- Essa interpretação pode ser aplicada no Brasil?

Carmen Oliveira- No Brasil, isso não fecha. É certo que a mulher de periferia fica mais tempo estudando. Só que o menino, quando interrompe volta, a menina depois que sai da escola não volta por causa da gravidez na adolescência. Eu encontrei isso em larga escala. A menina, no Brasil, continua dependendo financeiramente do companheiro. A taxa de fecundidade feminina no Brasil está baixando, mas entre mulheres de periferia está aumentando. Temos hoje em média cerca de 30% dos lares onde só existe a presença da mãe e na periferia o dado é maior. Uma pesquisa feita dentro das Febem aponta que 50% dos internos são criados só pela mãe. Do ponto de vista psicológico, isso tem várias conseqüências. Em primeiro lugar, a maior chance de essa mãe ser idealizada, já que foi ela que ficou, ela é a provedora, que cuida e um certo menosprezo pela figura masculina, aquele que abandona. O menino tem uma necessidade muito grande de superação do pai, mas, ao mesmo tempo, ele acaba reproduzindo a mesma atitude: o abandono.

IHU On-Line- A que pode se atribuir o aumento da fecundidade nas adolescentes de periferia?

Carmen Oliveira- A menina engravida não necessariamente para reter o homem. Escutei até o contrário, muitas meninas não esperavam nem que o companheiro assumisse o filho. Também se diz que as adolescentes estão engravidando por falta de informação, não foi o que escutei delas. Elas tinham informações suficientes, mas a gravidez é uma via de acesso à feminilidade, é uma forma de elas serem reconhecidas como mulheres. Pela presença preponderante da mãe, a figura feminina é idealizada na forma de mãe, então elas querem ser mães também. Vi também muita preocupação dos meninos em assumir a paternidade, mesmo que não fiquem com a menina

IHU On-Line- Sabe-se pouco sobre o exercício da sexualidade na periferia?

Carmen Oliveira- É um tema a ser desvendado. Temos, no Brasil, com taxas alarmantes, o fenômeno da juvenilização da AIDS. Cinquenta por cento dos novos casos de Aids são de jovens. E um milhão de bebês que nascem no Brasil anualmente são frutos de gravidez na adolescência. É óbvio que não vale nestes casos a recomendação de George Bush da abstinência sexual na adolescência. É uma hipocrisia: ao mesmo tempo que o capitalismo faz todo um apelo para um corpo juvenil, precocemente erotizado, alvo de admiração, se diz: sexo não.

IHU On-Line- Há lugar para as novas tecnologias dentro do movimento?

Carmen Oliveira- A cultura *hip-hop* não é harmônica, assim como as vezes observa-se um racismo em relação aos brancos, em relação às tecnologias estão aqueles que acham que tem que se restringir ao que é específico da cultura negra. Já outro diz “eu não quero fazer um *rap* sobre violência, quero fazer sobre internet”. Aliás, os portais de *hip-hop* na Internet, no Brasil, são de alta tecnologia e são sustentados por eles mesmos, por seu próprio trabalho, sem publicidade. A idéia de que periferia não é *high tech* está sendo rompida pelo movimento.

IHU On-Line- Em que consiste sua pesquisa atual sobre violência?

Carmen Oliveira- Atualmente, estou pesquisando juventude e criminalidade. Quando assumi a Febem em 99, havia menos de 600 adolescentes privados de liberdade. Agora, quatro anos depois, há 1020. É como se a cada quatro anos surgisse uma nova Febem.

IHU On-Line- O crescente tráfico e consumo de drogas é uma das causas principais da criminalidade no Estado?

Carmen Oliveira- O tráfico vem crescendo, é uma tendência. No Rio de Janeiro, 40% das causas de internação na Febem é por tráfico de drogas. Mas, a maior parte, no RS é por crimes contra o patrimônio. Roubo, furtos, é uma amostra da necessidade material desses jovens. Trata-se de um adolescente com baixa escolaridade (ele tem uma média de 5 anos de estudo, é isso é insuficiente até para atender posto de gasolina) e, por outro lado, uma mídia que desperta fortemente o desejo de consumo. Muitos não roubam para ajudar em casa, e sim para, por exemplo, comprarem tal tênis e serem reconhecidos socialmente, ou para usarem drogas.

IHU On-Line- Há muitos jovens na Febem por homicídio?

Carmen Oliveira- A imagem que a gente tem sobre o adolescente homicida não chega nem perto do quanto ele é vítima da violência do outro. Hoje, no Brasil, a primeira causa de mortes na juventude é a morte violenta. Há 20 anos, eram as doenças infecto-contagiosas, hoje é a morte violenta: homicídios, entre os jovens de periferia e acidentes de trânsito, nos jovens mais elitizados. Há algumas capitais nas que as taxas de homicídios de homens jovens é maior que a Colômbia. Mas o jovem é mais assassinado do que assassina. A mídia mostra o inverso, como comprovamos numa pesquisa paralela que realizamos em parceria com um professor do Centro de Ciências da Comunicação analisando o jornal **Zero Hora**.

IHU On-Line- Como interpreta esse dado que a primeira causa de morte juvenil seja a morte violenta?

Carmen Oliveira- Em primeiro lugar, essas duas formas de morte violenta são formas de demonstração da virilidade: uma pela força física, e a outra pela velocidade, o desafio ao limite. Esta lógica tem produzido uma curva demográfica no Brasil com uma lacuna de jovens de sexo masculino num determinado lugar da pirâmide demográfica semelhante a países que tiveram

guerra. Nós temos hoje uma guerra invisível que tem desequilibrado a pirâmide demográfica nos últimos 20 anos. O perfil das mortes violentas é bastante previsível. Acontece mais nos finais de semana, está ligado ao uso de drogas e também à indústria de armamento, porque uma pessoa alcoolizada ou drogada, que não tem um fácil acesso à arma, no máximo daria uns socos na outra. Por outro lado também, a indústria do narcotráfico tem aqueles “acertos de contas”. Nesses casos, geralmente, os que matam não estão drogados, às vezes, há até uma norma de que quem trafica não pode ser usuário de drogas.

MÚSICA, TECNOLOGIA E IDENTIDADE

Entrevista com Gustavo Fischer

Gustavo Fischer é professor do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. Mestre em Comunicação pela Unisinos e graduado em Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Gustavo conversou com IHU On-Line sobre a cultura pop e as novas tecnologias.

IHU On-Line- Como se caracteriza a cultura pop?

Gustavo Fischer- Se entendemos cultura como produção de sentido, modo de ser ou de viver, talvez, pudéssemos pensar em cultura pop como a cultura pós-era da reprodutibilidade técnica, alicerçada fortemente no entretenimento acrescentado pela questão midiática, marcada pela música criada de forma técnica, elétrica, desde o surgimento da guitarra até a criação da música eletrônica. É a força midiática alicerçada na força musical.

IHU On-Line- Por que seu interesse por esse tipo de cultura juvenil?

Gustavo Fischer- Meu interesse pelo mundo pop parte de uma vivência externa à academia. Eu gosto de rock e música em geral. Para a dissertação de mestrado, pesquisei a construção das questões identitárias na internet ligada à mídia, à música rock e pop. Comecei a ver alguns cruzamentos desses sujeitos, tentando se encontrar no mundo, os modos de se colocar para o outro através da mediação do computador com um discurso que vem da cultura pop. Atualmente, estou trabalhando numa pesquisa que tenta conceituar melhor essa cultura pop, vinculada à questão da identidade, focada nos *blogs* aqui na região. Estou observando como surgem algumas competências comunicacionais, não só habilidades, como a criação de formatos, títulos, anúncios, logotipos que as pessoas colocam em suas páginas, mesmo não tendo essas habilidades desenvolvidas na academia. A convivência na internet suscita que elas desenvolvam essas competências e com isso vão reelaborando suas identidades.

IHU On-Line- De que outras formas as novas tecnologias possibilitam recriar identidades?

Gustavo Fischer- Os jovens, que têm acesso às altas tecnologias, são em pequeno número, mas a intensidade dessa interação é reveladora. Destacaria, por exemplo, a questão da autoria. A juventude atual se vê autora, ao mesmo tempo em que ela questiona a autoria. Publica, ao mesmo tempo em que troca arquivos, documentos, músicas, vídeos. Se de um lado a autoria é tensionada, ter o seu *blog*, sua página, é uma reafirmação do ser autor. A cultura pop está alicerçada com as tecnologias de conversação, desde fazer sua página até dialogar em um *chat* ou lista de discussão. As pessoas estão o tempo inteiro tendo que criar identidade: ao escolher um apelido, por mais que crie características nada a ver com ele, naquele momento é uma construção dele que se constitui numa espécie de marca. A cultura pop é resultante das produções midiáticas em torno de uma esfera de entretenimento. É uma fonte com diversas

opções de construção da identidade. Uma espécie de supermercado de identidade, não no sentido financeiro, e sim de adquirir símbolos, comportamentos, interferir, colocar a notícia, criar vínculos. Colocar determinado *link*, e não outro, na sua página, diz alguma coisa sobre este sujeito. Os jovens, por estarem crescendo dentro do próprio desenvolvimento desse ambiente comunicacional, parecem estar mais à vontade que os outros grupos.

IHU On-Line- Muitas vezes, questiona-se a capacidade de rebeldia do jovem atual. Qual é a sua opinião sobre isso?

Gustavo Fischer- Se vamos ficar na expectativa de que a rebeldia vai ser contra o que se rotulou “rebeldia” para a juventude de 68, vamos ficar desapontados. Alguns inimigos continuam os mesmos, e outros mudaram, surgiram novos. Talvez a rebeldia esteja mais dentro das formas de apropriação da cultura com alguma modalidade de produção pessoal. Por exemplo, percebe-se na internet movimentos de buscar outros tipos de informação, tentar satirizar algumas imagens, manipular fotografias até virar *cartoon*. A questão de compartilhar filmes e músicas contra a tentativa das gravadoras e distribuidoras de preservá-los. O *copyleft* é uma rebeldia muito atual. Claro, há graus mais e menos elitizados de manifestar essa rebeldia. Alguns simplesmente baixam uma música, outros buscam um congresso ou um abaixo-assinado. Criam-se diversas estratégias de contestação. Uma coisa nova que está acontecendo é o chamado *flash-mob*. Trata-se de uma informação que circula na internet e convida as pessoas a estar em determinado local e determinada hora para fazer determinada coisa absurda e se dissipar. No outro dia, um grupo reuniu-se na Avenida Paulista e bateram com um sapato no meio do chão. Alguns carregavam cartazes “Baixa MP3” “Divida a música”. Mas a maioria estava ali para praticar aquela atitude efêmera. Numa reportagem que comentava esse fato, interpretava-se a atitude como um quebrar a rotina pedante da metrópole contemporânea, etc.

IHU On-Line- Haveria estratégias para lidar com a massificação?

Gustavo Fischer- Há formatos de apropriação das informações como é o caso de uma torcida de futebol que cantava uma música de *funk* inglês, reinterpretando a letra em português de acordo com o som da pronúncia. Isso vale também para os jovens que não têm acesso às tecnologias. Existe um diálogo que permite diversas formas de apropriação. Dificilmente se está livre de receber alguma informação de algum ponto mediatizado. Eu lembro do final do documentário da Rede Globo sobre os 50 anos da TV, em que os repórteres mostravam uma comunidade perto de Brasília que não tinha acesso à televisão e eles abriram a reportagem dizendo “Vamos conhecer um lugar, perto de Brasília e longe do Brasil”. Aí há uma questão muito séria em que os comportamentos estão sendo balizados por uma referência de brasilidade que vem da produção midiática.

HISTÓRIA DA JUVENTUDE

Entrevista com Hilário Dick

Hilário Dick é Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ com tese intitulada **Função Estética da Natureza na Poesia Romântica Brasileira**. É coordenador, ao lado da Prof^a. Dr^a. Valburga S. Streck, do Curso de Especialização em Juventude, e é o articulador do grupo temático Juventude da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU. Atualmente está para lançar um livro sobre a história dos jovens, matéria que desenvolve no Curso. É um incentivador da memória histórica dentro da Pastoral da Juventude, tendo vários escritos sobre esta matéria.

IHU On-Line- Por que a necessidade de um livro sobre a história da juventude?

Hilário Dick- De fato, está na editora Loyola, um livro que intitulei **Gritos silenciados, mas evidentes: os jovens construindo juventude na história**. Considero o livro uma necessidade, porque a memória histórica de um segmento tão importante e tão emergente em nossa sociedade é fundamental. Na obra, vou acompanhando a história da juventude desde um viés que mostra os jovens construindo e conquistando seu protagonismo. É uma obra pretensiosa, de sabor juvenil e acadêmico. Início com um capítulo esclarecendo o que entendo por “jovem” e logo entro na história, começando com um estudo do jovem na perspectiva vetero-testamentária. São 12 capítulos que vão desde os primórdios do cristianismo até os nossos tempos, incluindo uma visão do jovem na história brasileira.

IHU On-Line- O título “Gritos silenciados, mas evidentes” já está sugerindo a hipótese defendida pelo livro?

Hilário Dick- Sim. Os jovens sempre foram um segmento silenciado, mas que não deixaram de se manifestar. Só que essas manifestações não são importantes na história de uma sociedade comandada por “adultos”. Os jovens sempre viveram “silenciados” e “reprimidos” e sua opinião não tinha peso. Acho que não vou dizer uma grande verdade afirmando que a sociedade, em geral, tem medo da juventude. Para muitos, ela é um problema e não muito mais. A contestação nunca foi simpática. Há novidades que a sociedade não gosta de ouvir. As análises midiáticas da juventude geralmente focam, ou uma juventude burguesa, na maioria das vezes não organizada, ou uma juventude “delinqüente” e violenta, não se aceitando o fato de a juventude ser o segmento talvez mais violentado pelo todo da sociedade.

IHU On-Line – Podemos dizer que a juventude de hoje está organizada?

Hilário Dick – Sim e não. O jovem é alguém profundamente comunitário. Sempre digo que o grupo de jovens é o lugar da felicidade do jovem. Pergunto: temos nós idéia de quantos “grupos” existem em nossas cidades? Nesse sentido, a juventude é comunitária só que ela se organiza de forma diferente. Não podemos olhar somente as organizações tradicionais. A grande descoberta do jovem é o comunitário. Um comunitário que as relações virtuais não substituem. Há um momento em que o “grupo” é mais importante que a família, porque o horizonte do jovem começa a ser mais amplo.

IHU On-Line- E como esse jovem tem se relacionado com as instituições ao longo da história?

Hilário Dick- As grandes instituições são a família, a escola e as igrejas, não é verdade? É normal que as relações com elas não tenham sido, e nunca serão, tranquilas. Podemos dizer, até, que há instituições que surgiram para “controlar” os jovens. Entram nisso, por exemplo, os internatos, as escolas e os quartéis. Quando uma educação é libertadora? Quando um trabalho evangelizador ajuda o protagonismo juvenil? Ou estas perguntas são inúteis? A sociedade, quando não sabe o que fazer com a energia juvenil, cria diferentes formas de “moratória” ou de manipulação.

IHU On-Line- Como é o trabalho da rede latino-americana e quais os principais desafios que percebem na juventude deste continente?

Hilário Dick – Não sei a qual “rede latino-americana” você se refere, mas quero dizer três coisas: a) nunca, na história da América Latina, houve uma organização tão envolvente,

atingindo todos os países do continente, como é o trabalho articulado das pastorais de juventude das Igrejas. A Pastoral da Juventude Latino-Americana que acompanho, assim como está, nunca existiu. Nem nos tempos áureos da Ação Católica. b) Iniciamos há pouco uma rede latino-americana de pesquisadores sobre juventude. Estamos no começo. O grande desafio que desejamos investigar é a mudança de valores no mundo juvenil urbano, focalizando de modo especial as periferias. c) Existe, há mais tempo (desde 1990) uma rede latino-americana de Centros e Institutos de Juventude preocupados em serem estruturas de apoio no serviço da evangelização juvenil. Esta rede encontrar-se-á em setembro próximo, na Venezuela.

IHU On-Line- Qual é novidade que o Curso de Especialização em Juventude apresenta na abordagem do assunto?

Hilário Dick - A primeira novidade é o próprio Curso de Especialização como tal. A Unisinos, neste sentido, é pioneira. O currículo, como um todo, tratado de forma sistemática e dentro de um conjunto, é novo. Está claro para os encarregados do Curso que não se trata de um Curso sobre Adolescentes. Interessa-nos o segmento que vem logo depois da adolescência... Dar-nos conta, por exemplo, que 90% dos alunos da Unisinos têm de 17 a 29 anos é muito importante. Como segmento, estes “jovens” têm características sociológicas, psicológicas, históricas, econômicas etc., típicas para as quais, como educadores, precisamos estar atentos. O Curso de Especialização sobre Juventude não visa a “contemplar” um fenômeno; visa a estudar e aprofundar formas sempre mais acertadas de intervir neste fenômeno. Por que vieram cursistas de 12 Estados do Brasil e, até, do estrangeiro para a segunda edição deste Curso?

TEOLOGIA PÚBLICA

O ESPIRITUAL CONCRETO

Eduouard O'Neill, SJ

O texto abaixo é de autoria do Pe. Edouard O'Neill, S.J. e foi publicado no sítio www.ndweb.org A tradução é do Pe. Isidro Sallet S.J. O artigo nos foi encaminhado pelo Prof. MS José Jacinto da Fonseca Lara, da Área de Concentração Teologia Pública, do IHU.

A espiritualidade está na moda. Fuga ou busca fundamental? “O espiritual é ele próprio carnal” dizia Péguy, denunciando os que creem ser da graça porque não são da natureza, os que julgam pertencer ao partido de Deus por terem a coragem de pertencer a um partido do homem. Na tradição inaciana, o espiritual não existe à parte. Além disso, ele não é devoto. É totalmente apostólico, missionário, refletido, empreendedor, aberto ao universal. Ativo em todos os domínios da vida humana: o físico e o moral, o manual e o intelectual, o privado e o público, o profano e o religioso. Vivido tanto nas realidades permanentes da existência como nas mudanças da história e nas novidades duma época. “Todas as gerações”, “de idade em idade”, diz a Bíblia (Lc 1, 48 – 50).

O essencial consiste em “procurar Deus”, “encontrar Deus”, estar “unido a Deus” na maior familiaridade possível. Com certeza - e sempre - “em todas as coisas”. Na revelação cristã do Deus que veio “habitar entre nós” (Jo 1, 14), do Cristo “homem no meio dos homens” (Jo

1, 26), tudo deve ser transformado em terra santa, lugar espiritual: a casa e a rua, o trabalho e o descanso, a juventude e a velhice, a oração e os encontros. Como poderia o cristão não se sentir próximo do humanista que deseja que nada do que é realmente humano lhe seja estranho! Não se trata, por ventura, como diz S. Paulo (Ef 1,10) de “recapitular em Cristo todas as coisas?”

De preferência às longas orações e às grandes penitências que havia praticado no início de sua conversão, Inácio de Loyola recomenda aos primeiros jesuítas a fidelidade aos trabalhos empreendidos por “obediência e caridade” no serviço ao próximo. Com efeito, como encontrar o verdadeiro Deus senão entre os homens, lá onde Ele nos precede? O homem espiritual autêntico não foge do meio social; caminha humildemente com aqueles e aquelas que Deus lhe dá por companheiros e companheiras de caminhada sobre a terra dos homens.

ANÁLISE DE CONJUNTURA

NÃO RESTA MUITO TEMPO A LULA

*Reproduzimos a entrevista de Atilio Borón, sociólogo e cientista político argentino, publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 17 de agosto de 2003. Atilio Borón é secretário-executivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais – CLACSO e autor, entre outros, do livro **Estado, Capitalismo e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Ele participa, nesta semana, no Rio de Janeiro, do seminário "Hegemonia e Contra-Hegemonia: os Impasses da Globalização e os Processos de Regionalização". Estarão no seminário também, entre outros, I. Wallerstein e G. Arrighi.*

Folha - Qual a sua avaliação do governo Lula?

Atilio Borón - É um governo que representou grandes esperanças, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, e que herdou uma situação extraordinariamente difícil, produto dos estragos da política neoliberal. Até agora, não encontrou os rumos necessários para produzir as transformações de que o Brasil necessita e que o povo espera do PT. Ao governo de Lula não resta muito tempo pela frente. Se nos próximos dez meses, oito meses, não resolver reorientar o rumo das políticas econômicas e avançar profundamente nas sociais, fundamentalmente Fome Zero e reforma agrária, quando quiser fazê-lo chegará o momento em que será muito tarde. Estamos olhando a experiência do governo Lula com muita preocupação, porque, se não der certo, será um problema gravíssimo e uma grande frustração aos movimentos sociais, partidos políticos e forças sociais que, na América Latina, aspiram iniciar uma era pós-neoliberal.

Folha - O Sr. acredita em uma mudança de rumo?

Borón - Espero que sim, porque as políticas que o governo Lula está seguindo não são congruentes com a proposta do PT ao povo brasileiro. São políticas que vão produzir um holocausto social e uma fenomenal crise econômica no Brasil. São políticas parecidas com as que se desenvolveram na Argentina, de altas taxas de juros, concentração de renda, confiança no fluxo de capital estrangeiro. Os aduladores disseram de [Carlos] Menem o mesmo que dizem de Lula, e o resultado vocês já viram. Creio que Lula tem cerca de oito meses para mudar essa situação. Depois, os adversários históricos da mudança social e do progresso

social estarão fortalecidos, e as bases sociais do PT e o povo brasileiro estarão desmoralizados para encarar um processo de mudança. Isso é o engano do "possibilismo" conservador, que aconteceu na Argentina e que vejo com preocupação reproduzindo-se agora no Brasil. A idéia absurda de pretender governar acalmando os mercados é uma idéia que provoca a desgraça, a ruína dos países. O Brasil tem tempo de evitar esse desastre, com conseqüências para toda a América Latina.

Folha - Setores da intelectualidade brasileira têm olhado com inveja para o presidente argentino Nestor Kirchner, que tomou medidas como o controle da entrada de capitais. O que diferencia a situação argentina da brasileira?

Borón - Kirchner chegou ao governo em circunstâncias totalmente inesperadas. Ele se deu conta de que, se a Argentina não mudasse de rumo, chegaria a um novo colapso, como em dezembro de 2001, com [Fernando] De la Rúa. O nível de mobilização e a capacidade de reivindicação da sociedade argentina, muito altos, deixaram poucos espaços de manobra ao governo para decidir por uma política diferente ou sofrer o risco de uma derrota como a de De la Rúa. Mas a batalha fundamental é a do rumo econômico, e aí veremos se o governo efetivamente propicia uma mudança ou sucumbe. É a prova de fogo.

Folha - O americano Immanuel Wallerstein comparou a ascensão do PT ao poder com a do Congresso Nacional na África do Sul. Para ele, essas forças não podem corresponder às expectativas pois o poder estatal é menor do que as pessoas imaginam. O sr. concorda com isso?

Borón - Não concordo em nada. Com todo respeito, creio na vontade política e no poder estatal. Você crê que o Estado brasileiro é tão débil a ponto de não cobrar imposto de uma maneira civilizada, fazendo com que os mais ricos e poderosos paguem mais imposto? É um argumento inaceitável. Se você me disser que no Equador o aparato estatal está debilitado e carece de pessoal adequado para desenvolver uma política tributária correta, talvez eu acredite, mas no Brasil? Se não se cobra imposto como se deve cobrar, não é pela providência divina, é porque não há vontade política.

Folha - Como o Sr. vê hoje o destino do Mercosul frente à Alca? Crê que Brasil e Argentina seguirão juntos e terão força frente às pressões dos EUA?

Borón - Argentina e Brasil têm de avançar no processo de integração crescente, estão condenados pela geografia a trabalhar juntos, há interesses comuns e, em princípio, boa sintonia política. Se há um país que vai ser muito prejudicado pela Alca é o Brasil, o mais industrializado da América Latina. Há condições para dizer não à Alca. Se falta vontade política, é como no amor: se não há vontade amorosa, não há nada.

Folha - Qual sua avaliação sobre a política externa do governo Lula?

Borón - Houve alguns acertos, mas tem de ser mais consistente. O ponto central na política exterior do Brasil e da América Latina é a posição diante da Alca. E a posição discursiva avançada e progressista que o Brasil teve na invasão do Iraque, posição que eu celebro, será eclipsada se, ao mesmo tempo, não houver postura firme em relação à Alca e ao projeto anexionista norte-americano para a América Latina. É preciso aprofundar e tornar mais consistente a política exterior do Brasil diante dessa situação.

Folha - A esquerda no poder está destinada a ser igual à direita?

Borón - Não é de nenhuma maneira destino ser igual. Se chegarmos a ser iguais, estaremos traindo nossa função histórica, que não é substituir a direita para governar como a direita, mas introduzir novas modalidades. Há uma crise nos partidos de esquerda à medida que, nos últimos anos, o que muitas organizações de esquerda fizeram foi se transformar em agentes de políticas de direita. Mas isso não é fatal, são decisões que, em presença de novos processos de mobilização sociais e políticas, podem ser perfeitamente revertidas

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

O Livro da Semana: Paolo Virno. *Gramática de la multitud*. Buenos Aires: Colihue, 2003.

DO POVO À MULTIDÃO:

TRAJETÓRIA INTELECTUAL DA 'NOVA' ESQUERDA

Sob o título "Retóricas da emancipação", o suplemento 'Cultura y Nación' do jornal argentino Clarín, de 31 de maio de 2003, publicou uma resenha de dois livros de Paolo Virno, Gramática de la Multitud, Buenos Aires: Colihue, 2003. Este livro, cujo original é italiano, já foi traduzido para o francês. O segundo livro é El Recuerdo del presente, Buenos Aires: Paidós, 2003.

Paolo Virno é filósofo, militante nos anos 70 na autonomia operária, atualmente professor na Universidade da Calábria (Itália). A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do CEPAT – Curitiba, PR, aos quais agradecemos.

Império: novo ar para a esquerda

Primeiro foi a chegada impactante de Toni Negri e seu livro Império⁽²⁾: através de sua entusiástica leitura que esgotou várias edições, certa inércia da esquerda intelectual pareceu mover-se para novas discussões que se associavam, de modo surpreendente, aos furores despertados no final de 2001. As ruas entravam em ebulição, misturando panelas e piquetes, assembléias de bairro e rebeldias antipolíticas, enquanto da Itália nos chegava uma espécie de "novo manifesto" que parecia recuperar o terreno perdido pelas esquerdas nos abomináveis anos 1990. Surpreendidos, víamos como do outro lado do Atlântico se interpretavam os sucessos argentinos como paradigma de resistência contra a globalização, como se "caceroleros" e participantes de assembléias expressassem a vanguarda de uma nova insurgência anticapitalista. Negri, velho filósofo de raiz espinoziano-marxista, nos brindava seu Império e observava com esperança o que parecia estar se forjando nas ruas de Buenos Aires.

A recepção de Paolo Virno

Primeiro, dizia, chegou Toni Negri, depois, com menos impacto publicitário e sem bater recordes de vendas, chegou Paolo Virno. Em ambos os casos, a introdutora destas leituras foi a crítica Josefina Ludmer, em dois artigos publicados no jornal Clarín muito antes de sua edição

² Livro escrito em parceria com Michael Hardt e editado no Brasil pela Ed. Record, em 2001. A apresentação desta obra abriu o **Abriendo o Livro**, evento promovido, mensalmente, pelo IHU.

em castelhano. Por décadas os intelectuais argentinos esperaram pelas últimas novidades produzidas às margens do Sena; agora, e como que reconhecendo a importância do sangue italiano entre nós, começaram a chegar as traduções do idioma de Dante. De Paolo Virno (Nápoles, 1952), acaba de ser publicado (na Argentina) Gramática de la multitud, livro programático e suporte da recepção política do italiano, e logo mais estará nas livrarias El recuerdo del presente, onde com uma linguagem mais filosófica e acadêmica mostra seu outro perfil, o do estudioso interessado na questão da temporalidade seguindo os passos de Aristóteles, Bergson e Benjamin.

Uma nova leitura dos clássicos

Virno provém da geração que fez seu batismo político no 68 e que percorreu os complicados caminhos da esquerda radical italiana; caminhos que, no seu caso, como no de Negri, mesmo que de forma menos espetacular, o conduziram à prisão, na qual, como ele mesmo relata, passou anos de intensa formação e discussão política e filosófica (que diferença entre esta prisão italiana e as prisões da ditadura!). Nesses anos de transição para o que Virno chama de capitalismo pós-fordista, começou a se desenvolver uma nova leitura dos clássicos, que abarcava não só Marx, mas também Spinoza e Hobbes, Aristóteles e Carl Schmitt. Liam e juntavam Foucault com Walter Benjamin, Gramsci com Martin Heidegger, e iniciavam uma viagem rumo a novas interpretações. Os nomes de Massimo Cacciari³, Franco Rella, Giorgio Agamben⁴, junto com os de Negri e do próprio Virno chamaram nossa atenção, destacando uma tradição intelectual riquíssima que havia estado ofuscada por franceses e alemães.

Virno: périplo do “povo” à “multidão”

O périplo de Virno pode se circunscrever na passagem que vai da figura antigamente dominante do “povo” àquela chamada agora de “multidão”. Velho conceito, o de multidão, fugido da oficina espinozista que agora se inscrevia numa nova filosofia emancipatória. O povo, nos diz Virno, confluíu a partir do século XVII no Uno, no Estado como forma política. Converteu-se na Vontade geral de Rousseau, e dele se desprenderam a nação, a pátria, a unidade em torno dos símbolos nacionais; o povo absorvido pela máquina do poder, cuja unidade ficou garantida pela submissão do indivíduo ao soberano (qualquer que tenha sido sua determinação nas tradições de direita e esquerda, liberal ou nacionalista). A multidão, pelo contrário, “é o ponto final de um movimento centrífugo”, a passagem do Uno aos Muitos. A multidão, afirma Virno numa reportagem, “é uma forma de ser, e por *forma de ser* entendo algo básico, de relação com o mundo, com os outros, com a vida”. Estaríamos ante um novo ator histórico associado ao advento do pós-fordismo, época na qual o capitalismo girou para uma inédita organização do trabalho e da produção, onde o fixo e identitário foi substituído pelo móvel, o líquido (diria Zygmunt Bauman), o domínio da flexibilização da força laboral.

Multidão: entre a emancipação e a dominação

Paradoxalmente, sustenta Virno, dessa profunda transformação tecnológico-cultural interna ao capitalismo emana a multidão que – e este é um dos eixos de sua argumentação – pode ser portadora de práticas emancipatórias ou ser dominada por um “oportunismo mau”, capaz de culminar, por exemplo, no apoio a políticas de direita como a de Berlusconi. Talvez parte da

³ De Massimo Cacciari, publicamos um artigo na 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003.

⁴ O livro *Hommo Sacer*, de G. Agamben será apresentado e comentado no Abrindo o Livro de 29 de outubro de 2003

ambigüidade do livro de Virno gire ao redor deste estreito desfiladeiro pelo qual se move contraditoriamente o sujeito da multidão.

A multidão e o *general intellect*

Virno encaixa a idéia de multidão com a categoria marxista de *general intellect*, que em Marx se associava às máquinas e que no italiano se deve vincular à cooperação do trabalho vivo. Estaríamos diante de uma vertiginosa mudança na organização do trabalho e na circulação da informação que torna obsoletas as formas anteriores e faz surgir uma nova modalidade de sentido comum vinculada à experiência de “ser estrangeiro, o ‘não se sentir na própria casa’ (que se torna) uma condição comum a muitos, uma condição ineludível e compartilhada”, que gera outras formas de socialização e outros mecanismos de aprendizagem e mobilidade. A multidão, destaca Virno, se desentende com o Uno, abandona as formas tradicionais de representação política, assinalando seu colapso, mas não num sentido anarquista, “mas como busca de novas formas políticas”.

Virno: um pensar comprometido com as multidões

Este antiestatismo da multidão, este sair da democracia representativa, não parece garantir a opção por uma alternativa emancipatória; pelo contrário, costuma manifestar-se com intensidade a opção por novas construções emanadas da direita. As piruetas teóricas que Virno efetua para fazer esta nova categoria apresentável resultam, às vezes, grotescas ou, no melhor dos casos, mostram seu “nadar a favor da corrente” do “progresso” tecnológico. Ou seja: Virno vê no pós-fordismo uma oportunidade revolucionária; e na flexibilização laboral, uma fonte de oportunidades para enriquecer uma multidão em fluxo permanente, sempre que se subtraia aos cantos de sereia do discurso dominante (discurso que, paradoxalmente, escolhe os mesmos instrumentos que conduziram à suposta libertação). A associação com as nossas multidões dezembristas chegou até as costas italianas, onde ainda não tiveram tempo de analisar a passagem dos protestos dos “caceroleros” à reinserção no sistema.

Entre Gramática da multidão e A lembrança do presente, Virno nos conduz dos debates sobre a globalização e os modos da resistência (sem deixar de perguntar, seguindo os passos de Guy Debord⁵), a influência da sociedade do espetáculo no diagrama pós-fordista, à pesquisa erudita que indaga na experiência do *déjà vu*, à trama do passado no presente e às irradiações para o futuro, buscando, para além de suas debilidades, articular um pensar comprometido com as vozes equívocas, mas indispensáveis das multidões contemporâneas.

Artigo da Semana

UM PLANETA CHEIO E SEM ESPAÇO

Reproduzimos o artigo do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, publicado no jornal *Libération*, em 21 de julho de 2003. Atualmente professor emérito das universidades de Leeds e de Varsóvia, Bauman é autor de vários livros, entre os quais destacamos: **O mal-estar da pós-modernidade** (1998), **Globalização: as conseqüências humanas** (1999), **Modernidade líquida** (2001) e **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual** (2003), todos publicados por Jorge Zahar Editor.

A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT com sede em Curitiba – PR.

⁵ Referência ao livro **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Planeta cheio: em que sentido

Começamos pelo processo de preenchimento do Planeta: nosso Planeta está hoje cheio. Não se trata de uma constatação de geografia física nem mesmo humana. É uma proposição sociológica. Em termos de espaço físico e de extensão da coabitação humana, o Planeta está tudo, exceto cheio. Dizer que o Planeta está cheio é simplesmente dizer que não há mais espaços sem domínio, *no man's lands*, territórios que podem ser tratados como vazios de qualquer presença humana, porque estão desprovidos de administração soberana, e, portanto, abertos à colonização e ao povoamento. Durante uma boa parte da história moderna, esses territórios, hoje separados do essencial, tiveram um papel crucial, o de descarga (despejar, aliviar) para os lixos e os resíduos humanos produzidos em quantidades sempre maiores nas regiões do mundo afetadas pelo processo de "modernização".

A modernidade tornou parcela da humanidade "inútil", "indesejável"

A produção de resíduos humanos, ou mais exatamente de humanos supérfluos e desperdiçados, é um elemento inevitável da modernidade, desta condição social que se caracterizou por uma modernização perpétua e compulsiva, obsessiva e tóxica. A produção de desperdícios é um efeito indissociável da construção da ordem (pois cada tipo de ordem priva algumas parcelas da população existente de seu lugar legítimo, definindo-os como "inúteis", "incompetentes", "inadaptáveis" ou "indesejáveis") e do progresso econômico que não pode se perpetuar sem uma desvalorização dos modos que permitiam outrora, mas mais hoje, "ganhar sua vida", privando, assim, aqueles que lhes servem de meios de subsistência.

Colonização: descarregar-se dos "supérfluos"

Entretanto, no curso de uma longa parte da história moderna, vastas regiões do globo escaparam, completa ou parcialmente, das pressões da modernização. Face aos setores modernizados do globo, esses territórios ("pré-modernos", "subdesenvolvidos", "atrasados") tiveram a tendência de ser considerados e tratados como de destinação natural para os seres humanos tornados "supérfluos" nas regiões mais desenvolvidas do globo, descargas manifestas para os resíduos humanos, o desperdício da modernização. A eliminação desses resíduos produzidos nas regiões "em vias de modernização" foi o sentido mais profundo da colonização e das conquistas imperialistas que a limitação do "desenvolvimento" a uma parte do Planeta tornou possível e um fato inevitável. O fato de que os processos de modernização permaneceram limitados ao nível territorial permitiu à parte moderna do globo buscar e encontrar soluções exteriores globais aos problemas interiores de superpopulação produzidos localmente.

Preenchimento do Planeta causa crônico problema ecológico

Esta situação durou à medida que o modo moderno de existência permaneceu privilégio somente de algumas regiões do mundo. Hoje, no entanto, a modernidade tornou-se, como foi previsto, uma condição universal ou quase universal da humanidade, e a produção de resíduos humanos estendeu-se praticamente a todo o globo. Não há, pois, mais saídas globais para os excedentes locais, ao passo que todas as regiões (inclusive as mais fortemente modernizadas) devem sofrer as conseqüências do triunfo mundial da modernidade: todas elas se encontram confrontadas com a necessidade de buscar desesperadamente soluções locais para problemas produzidos de maneira global.

Em resumo, o preenchimento do Planeta, fenômeno novo e sem precedentes, representa no essencial uma crise aguda da indústria do tratamento de resíduos humanos que se encontra no

presente sem para onde efetuar as descargas e sem instrumentos de reciclagem, ao mesmo tempo em que a produção desses resíduos não diminui e ganha rapidamente em volume.

Fim da era do espaço

Uma outra tendência importante é o fim da era do espaço. Quanto a isso, uma vez mais, uma precaução é necessária. O fim da era do espaço não significa que o espaço não conta mais. A importância do espaço físico não evolui mais, mas esse processo está associado a uma acentuação brutal da significação do território, do ambiente, do lugar. Ao colocar o veredicto de um fim da era do espaço, eu quero falar da nova extraterritorialidade do poder e da substituição do compromisso territorial pela mobilidade como fator estratégico decisivo na luta pelo poder.

A classe dos “descolados” do espaço

Na hierarquia global que se faz hoje, reinam aqueles que dependem menos do espaço, que são os menos ligados a um lugar e mais livres para se deslocarem e mudarem de casa. No “espaço dos fluxos” nos quais se inscrevem e funcionam os poderes globais, são a rapidez do movimento e a facilidade para se desengajar e escapar, e não o corte das possessões territoriais, que importam. O corte (reduto, diminuição, entrincheiramento) territorial retarda (esfria) o movimento ou exclui sua própria possibilidade, não é, pois, mais um trunfo (revés, contratempo), mas um fardo e uma desvantagem. A eventualidade de se prender a um território, de assumir responsabilidades de longo prazo em relação a um ambiente fixo e imóvel, deve ser evitada a qualquer preço, e os atores maiores e poderosos que contam verdadeiramente hoje fazem tudo o que podem para evitá-lo. Os novos impérios não são desse mundo, eles não pertencem à realidade terrestre e geográfica, ao “espaço dos lugares”.

Forças estatais: buscar soluções locais para problemas globais

Por outro lado, os lugares perderam sua capacidade de proteção. A época das linhas Maginot ou Siegfried terminou. Prender-se a um ambiente tão fechado e fortificado, quanto possa ser, não é mais uma garantia de segurança. O poder não é mais territorial e ele não respeita mais as defesas territoriais. As fronteiras são eminentemente permeáveis. O poder fluido não respeita muito os obstáculos; ele escorre pelos muros por mais grossos que sejam, ele passa facilmente pelo meio das fissuras, das fendas e das gretas, por menores que sejam. Não há nenhuma massa capaz de vedar os buracos e fazer parar as fugas.

É sob estas condições desfavoráveis que as forças estatais, cortadas do fluxo global, fixadas e imobilizadas pela sua soberania e suas responsabilidades territoriais, devem buscar soluções locais para problemas produzidos no nível mundial. Esses problemas são gerados nos “espaços dos fluxos” mas devem ser abordados e tratados no “espaço dos lugares”. A nova significação do ambiente nasce, se alimenta e se consolida perpetuamente desta nova condição global.

Ruptura entre poder e política

A terceira tendência deriva das duas outras. Após quase dois séculos de casamento, o poder e a política, instalados alegremente no quadro do Estado-nação moderno, parecem dirigir-se ao divórcio. Os dois parceiros olham em direções opostas: um se encontra desconfortável no lar compartilhado, e o outro é cada vez mais contrariado pelas prolongadas ausências de seu parceiro. O poder não gosta mais dos abraços da política e os braços amantes desta se abrem inutilmente ao vazio.

Tendo-se mudado para estágios mais altos, o poder demoliu a escada e colocou grades diante do elevador. A política, abandonada no apartamento, viu bloqueado o acesso ao novo domicílio

do poder que se fez colocar na lista vermelha. As mensagens enviadas por correio certamente não chegam ao seu destinatário, e as respostas são deixadas à sua completa discricão. Privado da parceria com o poder, fonte antiga de sua força e de sua confiança, a política deve conservar o sorriso, aceitar seu destino, esperando em vão esconder sua impotência.

Mercado assume funções da política

Outros moradores do antigo lar do poder e da política deixam a casa louca; privada do poder, a política não pode vigiar eficazmente a saída. Por outro lado, mesmo que ela tivesse os meios, ela não o faria: esses moradores briguentos oferecem muitos problemas. A política do Estado ou da Nação estaria feliz em ver a maior parte deles se instalar fora do seu domínio. Ela os incomoda e os incita, por meio de diversas estratégias chamadas de “desregulamentação”, “privatização” ou “princípio de subsidiariedade”, a partirem. A maior parte das funções que a política empregava foi agora concedida às forças do mercado e ao novo campo da “política da vida”, esta política que encoraja os cidadãos dos Estados-nação a buscarem soluções pessoais aos problemas de origem social. O poder está livre para percorrer “o espaço global dos fluxos” sem conceder outro reconhecimento que o formal às antigas formas de controle político, ao passo que a política, privada de qualquer poder, não pode senão observar infeliz e impotente suas palhaçadas. O melhor que ela pode esperar é atrair as boas graças dos poderes extraterritoriais sempre golpeando outras soberanias igualmente territoriais.

Entrevista da Semana

*Fábio Konder Comparato, professor titular de direito comercial da USP e especialista em direito constitucional analisa, na entrevista publicada na **Folha de S. Paulo**, em 18 de agosto de 2003, o governo Lula. De Fábio Konder Comparato, os leitores e leitoras podem conferir o artigo “Impropriedades”, no **IHU On-Line** número 68, de 28 de julho de 2003, páginas 28-29. Os subtítulos são nossos.*

UMA TENSÃO SOCIAL FABRICADA

Folha - O Sr. concorda com a percepção de que há um recrudescimento das tensões sociais no país?

Fábio Konder Comparato - De modo geral, a tensão me parece fabricada. O noticiário não destaca que há no Brasil 150 milhões de hectares de terras inexploradas, uma violência em si. Mas basta alguém saquear um caminhão nos confins do Nordeste para que isso apareça na televisão e nas primeiras páginas dos jornais. O saque é notícia, o problema estrutural, não. Isso deforma a realidade.

Por outro lado, há inegável deterioração das condições de vida. Ela deve ser imputada, em larga medida, a governos anteriores, mas o atual também contribui ao repetir e agravar a política econômica de Fernando Henrique.

Na minha concepção - que certamente considerarão ingênua -, um órgão de comunicação deve ter compromisso com o povo. Um jornal que se manifesta exclusivamente contra ou a favor de um governo - e manifestar-se contra costuma render mais sucesso- não cumpre seu papel. O problema não é saber se o governo atual é diferente do programa ou da tradição do partido ao qual o presidente pertence. O problema é identificar quando as políticas vão no sentido da melhoria do nível de vida da população e quando representam sua deterioração. Não acredito que o governo Lula só tenha errado.

O papel da imprensa

Folha - O Sr. afirma que a imprensa é do contra. Não lhe parece que ela tem sido majoritariamente favorável ao governo Lula?

Comparato - Com certeza. Mas isso ocorre porque a imprensa não é uma entidade pairando acima do mundo. Os grandes órgãos de comunicação defendem interesses econômicos que não são, necessariamente, interesses nacionais. Quando um governo cujos integrantes foram acusados, no passado, de serem desmesuradamente esquerdistas toma medidas ultraconservadoras, oferece não apenas alívio, mas uma grata surpresa aos donos do poder. Precisaria mesmo ser elogiado.

Além disso, ninguém desconhece que a mídia brasileira enfrenta enormes dificuldades financeiras, e que a solução desse problema passa pelo BNDES. Portanto, não é neste momento que um jornal ou uma rede de televisão profundamente endividada vai criticar o presidente de maneira dura.

Política externa. Um grande acerto

Folha - Quais são, em seu entender, os acertos do governo Lula?

Comparato - O primeiro ponto é a política externa, a meu ver a mais brilhante do período republicano. Por que a imprensa não ressalta esse fato? Porque há o risco de criar constrangimento para os Estados Unidos. Fico decepcionado com os grandes órgãos de comunicação por sua posição hesitante, quando não claramente favorável, em relação à Área de Livre Comércio das Américas.

A Alca é Inconstitucional

Folha - Por falar na Alca, alguns críticos consideram, a despeito de afirmações oficiais em contrário, que o governo fez excessiva concessão aos EUA nessa matéria durante a recente viagem do presidente Lula a Washington. O que o Sr. pensa a esse respeito?

Comparato - Minha opinião - que até hoje não foi aceita por nenhum governo, sobretudo pelo atual - é que a Alca é inconstitucional. A Constituição de 1988 estabelece que o Estado deve trabalhar pela formação de uma comunidade latino-americana de nações. Isso significa integração econômica, política e cultural.

Podemos discordar da decisão, mas, enquanto ela não for mudada por emenda -e não foi porque os governos anteriores e provavelmente este também consideraram que o texto não é para valer -, tem de ser cumprida. Ora, a Alca significa a diluição de todo esse ecúmeno latino-americano na área de dominação dos EUA.

De fato, a declaração conjunta dos governos norte-americano e brasileiro por ocasião da visita do presidente a Washington me pareceu contrariar reiteradas afirmações do governo Lula de que 2005 não seria aceito como prazo para o encerramento das negociações. Tive a oportunidade de manifestar isso a um ministro. Ele me disse que não teria havido concessão nenhuma.

Folha - E o Sr. pensa o quê?

Comparato - Minha impressão é que a fixação do prazo não embute um requisito prévio de sucesso nas negociações. Ou seja, os governos continuarão discutindo até 2005. Se até lá não chegarem a um acordo, a Alca estaria resolvida por falta de solução.

Os intelectuais e o governo Lula

Folha - O sr. integra um grupo de intelectuais que tem encontros periódicos com o presidente ou membros do governo.

Comparato - Você se refere aos "intelectuais governistas", como diz a Folha? De fato, fui cooptado para fazer parte de um grupo que discute, com a maior liberdade, as ações do governo federal.

Uma de minhas apreensões em relação ao governo Lula é o que costumo chamar de maldição do poder. Uma vez eleito, o governo passa a viver em circuito fechado. Perde contato com o povo. Não sou idiota a ponto de achar que intelectuais representam o povo, mas, de certa maneira, podemos ser o veículo de insatisfações.

Folha - Como são as reuniões?

Comparato - Sou cético em relação ao sucesso desse grupo. Quem está no poder sofre constrangimentos grandes demais para abrir-se com os que estão cá embaixo ou aceitar sugestões. Mas essa é uma posição pessoal. Outros não são tão céticos. O que não deixou de me irritar foi ser considerado um "intelectual governista", porque a perda da liberdade de crítica é realmente a desmoralização do intelectual.

Reforma da previdência

Folha - Sua crítica tem sido dirigida à reforma da Previdência.

Comparato - É preciso colocar a reforma no contexto da política econômica, que começou com um erro catastrófico de avaliação.

Em 1990, a inflação média mundial ficou acima de 20%. Cinco anos depois, havia caído para menos da metade. O governo Lula, recém-empossado, entronizou a inflação como principal problema do país. Há consenso, no entanto, de que o principal problema é o endividamento público.

Procurou-se combater a inflação com redução de despesas e aumento dos juros -que agrava automaticamente o endividamento público. Fez-se uma terrível hipoteca sobre todo o programa de governo. Mas eu tenho certeza de que isso vai mudar.

Folha - De onde vem sua certeza?

Comparato - Vai chegar um momento em que o governo vai se dar conta de que cometeu um erro crasso de avaliação econômica. O presidente vai se dar conta. E não há outra solução. Ele vai ter de tirar todo esse pessoal.

Folha - Quem é esse pessoal?

Comparato - Os componentes da direita. Obviamente isso inclui o ministro da Fazenda. Dizem as más línguas que o governo todo é refém do Ministério da Fazenda, que é refém do Banco Central.

Eles foram nomeados numa ótica defasada, que é a de considerar que se pode aplicar uma política social progressista com um política econômica ultraconservadora. Tomando a expressão do Evangelho, a mão direita não sabe o que faz a esquerda. E a atual composição do governo é destra.

É preciso acabar com essa esquizofrenia. Tenho certeza de que o governo vai se decidir pelo lado do povo. Lamento apenas que tenha sido cometido esse erro crasso e que sua redenção

leve muito tempo, como realmente vai levar. Governo nenhum tem o direito de aumentar o desemprego e conduzir à ruína pequenas e médias empresas apenas para arrumar financeiramente a casa.

Folha - De volta à reforma da Previdência, quais são suas restrições?

Comparato - Alguns pontos do texto aprovado na Câmara são perdidamente inconstitucionais. A taxação dos inativos fere o princípio elementar do respeito ao direito adquirido. O mesmo ocorre com a redução das pensões para familiares de segurados já mortos.

Mais importante, a Previdência é um direito fundamental. Não se pode mexer com isso como se faz com os juros. E a reforma, como o próprio governo acabou por reconhecer, não foi feita para melhorar a situação de quem depende da Previdência Social. Foi feita para melhorar a situação de caixa.

A tributária padece do mesmo vício. É puramente fiscalista. O Estado não tributa apenas para obter recursos, mas também para promover justiça social. Não enxergo nessa reforma nenhum aspecto relevante de política social.

Folha - Sua origem siciliana o leva a acreditar que se aplica ao governo Lula a frase famosa de Lampedusa, segundo a qual é preciso que tudo mude, se queremos que tudo continue como está?

Comparato - Não vou negar que ele corre esse risco, mas tenho confiança de que escapará. Este governo - e principalmente o presidente- tem uma história contrária a essa forma de conluio com as forças mais escabrosas da exploração econômica. De modo que isso vai ser corrigido.

Folha - Quando viria a inflexão?

Comparato - Vai acontecer, acredito, uma vez aprovadas as duas reformas em tramitação no Congresso. Seria uma loucura abandoná-las. O governo começou mal, mas vai ter de ir até o fim. Parece-me claro que, depois disso, a política econômica vai mudar.

Folha - E se não mudar? Até onde vai sua boa vontade?

Comparato - Vai até eu me convencer de que não há ponto de retorno. Acho que a mesma convicção está presente em várias cabeças do governo, daí minha fundada confiança em que mude. Há uma regra de ouro na democracia. O povo deve ser o primeiro beneficiário e o principal colaborador das políticas governamentais. Se você me permitir encerrar assim, eu queria dizer que o que se esperava e ainda se espera do governo Lula é que ele tenha mais confiança no povo.

MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO MUSICAL

Durante o II Festival de Inverno da Unisinos, de 13 a 20 de julho, a professora estadunidense Mary Goetze ministrou um curso de Didática e Prática de Coral Infante-juvenil e a palestra Educação musical e multiculturalismo. A professora é autora de um projeto que estuda músicas folclóricas de vários países, com o objetivo de difundir e valorizar as culturas locais.

PhD pela University of Colorado (EUA), Mary Goetze é educadora musical da Indiana University School of Music. É regente do International Vocal Ensemble, escola de música especializada em música vocal e educação musical através do canto. É fundadora do University Children's Choir, que dirigiu até 1995. É reconhecida internacionalmente por seu trabalho com corais infantis, compositora e regente coral. Possui

inúmeras publicações, incluindo arranjos e composições para vozes. Suas composições e arranjos da Série Coral Mary Goetze são publicados por Boosey & Hawkes.

IHU On-Line – No que consiste seu trabalho de pesquisa sobre canções folclóricas?

Mary Goetze – Eu desenvolvo um coral na minha universidade. Nós aprendemos músicas de todos os lugares do mundo, e eu trago músicos dessas culturas para ensinar os meus alunos. Quando isso é impossível, eu vou até o país e mostro vídeos com exemplos, e trabalhamos dessa forma para sermos capazes de construir a música. O meu projeto é composto por materiais que eu coletei e que agora estou colocando em CD-Room, para levar até os professores de escolas. Assim, eles têm um melhor acesso a esses materiais que são originalmente das culturas e que trazem várias informações dessas culturas: onde é o país, qual é a linguagem, há uma seção que fala sobre a língua que eles falam, um item específico sobre as músicas, com a história, o sentido, e as pessoas que estão na gravação. Eu estou fazendo esse projeto com as músicas de todo o mundo, porque essas pessoas agora moram no meu país e precisamos aprender a conviver com elas.

IHU On-Line – Qual a principal motivação para realizar esse trabalho?

Mary Goetze – A maior razão é o tema que escolhi para esse workshop (didática e prática de coral infanto-juvenil). Tento descobrir o que mais uma musicista como eu pode fazer para construir a compreensão entre as pessoas, a não ser aprender as suas músicas e honrar a sua prática e as suas culturas. Se eu honrá-las e ensinar meus alunos a apreciar a música de outros países e as suas culturas, cantando-as à maneira daquele país, nós podemos crescer em compreensão, e isso vai se estender para mais e mais pessoas. Algum dia, as vozes das pessoas vão soar mais alto que os poderes de guerra.

IHU On-Line – Em sua palestra, durante o Festival, você disse que o ensino musical no Brasil era baseado somente na música ocidental, principalmente européia. Quais seriam os problemas de não explorar outras culturas?

Mary Goetze – A cultura ocidental está dominando os estudos acadêmicos de música. E isso somado à mídia popular, o rádio, a televisão, que veiculam músicas desses países, evidencia ainda mais o domínio. As tradições musicais locais podem morrer muito facilmente dessa forma. Mas, pela minha avaliação, e vindo de um país poderoso, a minha esperança é que os países vão valorizar o que é deles, em vez de valorizar a música dos poderosos.

IHU On-Line – O trabalho musical nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil é muito fraco. O que a universidade pode fazer para virar esse quadro?

Mary Goetze – Eu dou um apoio muito forte para a música com crianças nas escolas públicas. É um direito de nascimento de cada criança ter a oportunidade de se desenvolver musicalmente. Eu tenho esperança de que o governo brasileiro faça valer e dê apoio à lei criada em 1996, que institui a música na escola. Isso também depende dos brasileiros fazerem com que os políticos saibam que isso é importante para eles também. O processo, então, começa nas universidades, onde os professores devem ser treinados. É isso o que fizemos aqui: trazer as crianças e iniciá-las em pensamentos e habilidades sofisticadas de música. A situação do Brasil é um pouco diferente da dos Estados Unidos, porque os brasileiros não têm (ou, sim, têm) diversidades, mas a diversidade já se misturou e criou voz própria. A cultura gaúcha, que é combinada com outras culturas, é diferente da cultura dos Karaós, das tribos amazônicas, ou da música do Norte, do Nordeste que tive a oportunidade de conhecer. Seria, então, uma decisão que os educadores teriam de tomar. Primeiro, criar pontes dentro do país e

ter certeza de que essa música é reconhecida nos currículos e aí então alçar vãos além-fronteiras.

Deu nos jornais

Bancos: dobro da rentabilidade de empresas Um estudo da consultoria Austin Asis

“A rentabilidade dos bancos brasileiros neste ano continua em níveis elevadíssimos, especialmente se comparada com o retorno de empresas não ligadas ao setor financeiro. Uma análise da consultoria Austin Asis mostra que, no primeiro semestre, o rendimento sobre o patrimônio líquido de 11 bancos que divulgaram os balanços até agora ficou em 24,9%, mais do que o dobro dos 12,3% registrados por 15 grandes companhias de capital aberto”. Uma síntese da análise foi publicada pelo jornal **Estado de S. Paulo**, 8-8-03. Entre as empresas analisadas estão, entre outras, a Gerdau, Sadia, Telemar e Confab.

É melhor crescer do que ter um pacote do FMI Esta a receita de um Prêmio Nobel de Economia

O ex-vice-presidente do Banco Mundial – Bird -, Prêmio Nobel de Economia e um dos maiores críticos da atuação do Fundo Monetário Internacional – FMI – Joseph Stiglitz, sugeriu que é melhor o Brasil ficar sem o dinheiro do Fundo a aceitar um acordo que estrangule a economia do país. Joseph Stiglitz defende esta posição em entrevista publicada no jornal **Valor Econômico**, 12-8-03.

Brasil deve assinar novo acordo com o FMI?

Veja o exemplo da Argentina que se deu melhor sem o Fundo

Na entrevista concedida ao jornal **Valor Econômico**, 12-8-03, pelo Prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz, ao lhe ser feita a pergunta: “O Brasil deve assinar outro acordo com o FMI no fim do ano?” ele responde: “Acho que depende muito dos termos do programa. O conselho que dei à Argentina há um ano e meio foi: se vocês conseguirem um bom programa com o FMI, se puderem ter algum benefício, sigam em frente. Senão, é melhor não ter nenhum programa do que ter um ruim. O que a Argentina achou é que o FMI não negociaria um programa com o país e decidiu ir em frente sem o Fundo. Eles se deram muito melhor do que com o programa do FMI, revitalizaram a economia. Acho que o conselho que dei para a Argentina foi correto. Mais tarde, o FMI tornou-se mais razoável e eles conseguiram fechar um acordo. Há rumores agora sobre como o FMI vai tratar a Argentina. Alguns querem que seja mais duro, outros dizem que o G-7 sabe que precisa ser mais razoável, e há conflitos entre as opiniões do *staff* do Fundo e do G-7”.

Ética Ecológica na Política Fritjof Capra no Brasil

“Formular políticas para um Brasil sustentável significa introduzir uma nova dimensão ética na política. A ética ecológica é um padrão de comportamento que flui através da percepção de que todos pertencemos à comunidade global da biosfera. E nós devemos nos comportar como os outros seres vivos – as plantas, os animais e os microorganismos que formam esta vasta rede da vida, sem interferir com a capacidade surpreendente desta rede de sustentar a vida” – afirmou o físico e teórico de sistemas Fritjof Capra na abertura dos Diálogos para um Brasil

Sustentável, evento realizado em Brasília, semana de 12 a 15 de agosto de 2003. A página www.mma.gov.br reproduziu alguns trechos da conferência proferida por F. Capra.

Desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade ecológica?

Frijtof Capra discute os conceitos

O físico Frijtof Capra, de passagem pelo Brasil, em entrevista publicada no jornal *Estado de S. Paulo*, 13-8-03, questiona o conceito 'desenvolvimento sustentável'. Segundo F. Capra, o "desenvolvimento tem dois sentidos distintos. Os economistas medem o desenvolvimento sem considerar índices de saúde, analfabetismo ou desenvolvimento cultural. Ecologistas vêem que uma semente se transformará em planta ou uma criança, num homem adulto. Quando fala em desenvolvimento sustentável, você acaba reproduzindo a contradição do conceito para os dois. É impossível ter desenvolvimento econômico com crescimento sempre. Prefiro falar em sustentabilidade ecológica. Numa sociedade sustentável, o modo de produção e as tecnologias não interferem na capacidade de a natureza sustentar a vida".

O mercado é irracional

O Prêmio Nobel de Economia de 2002 e o 'behaviorismo financeiro'

Para Daniel Kahneman, ganhador do Prêmio Nobel de Economia do ano passado, os mercados são essencialmente irracionais e dominados pelo comportamento de manada. Segundo o israelense Kahneman, os homens de verdade não são como Adam Smith os pintou - frios e calculistas, em busca do maior lucro possível, de posse de todas as informações. "As pessoas não são racionais ao lidar com riscos", diz Kahneman, segundo reportagem publicada no jornal *Estado de S. Paulo*, 13-8-03. Kahneman ganhou o Nobel, mostrando que, afinal, o homo economicus não é tão racional assim. Ele e o outro laureado, Vernon Smith, da George Mason University, são precursores do chamado "behaviorismo financeiro", teoria que ajudou a humanizar a economia, incorporando análise comportamental em áridos modelos matemáticos. Segundo o jornal Estado de S. Paulo, "o behaviorismo econômico foi abraçado com entusiasmo pelo exército antiglobalização e anticonsenso de Washington. Muitos acadêmicos adotaram a psicologia para questionar a ortodoxia econômica. "As teorias neoclássicas atuais partem do pressuposto de que todas as pessoas tomam decisões absolutamente racionais, o que não é verdade" – afirma Kahneman.

Alca: aprender a lição do México no Nafta

O conselho de Cuauhtémoc Cárdenas

"A experiência do México com o Nafta, deve servir de indicador para o resto dos países latino-americanos na hora em que se sentarem para pensar numa zona comercial hemisférica. A América Latina não deve repetir os erros que cometeu o México ao negociar o Nafta e que agora estão se manifestando - em matéria de emprego, de desenvolvimento desigual, de devastação ecológica etc. – acordos como o Nafta e eventualmente a Alca deveriam servir para construir uma relação mais equitativa com os EUA, e não para reforçar a sua hegemonia". Esta é a opinião de Cuauhtémoc Cárdenas, conhecido político mexicano, do Partido Revolucionário Democrático - PRD - em entrevista publicada pelo jornal argentino *Clarín*, 14-8-03.

Nafta: Aprofundou o desequilíbrio mexicano e a iníqua relação com os EUA

Alca: necessidade da negociação em bloco

Segundo C. Cárdenas, na entrevista ao jornal *Clarín*, 14-8-03, "o Nafta aprofundou desequilíbrios pré-existent no desenvolvimento do México e também a iniquidade na sua relação com os EUA, algo que deveria servir de ensinamento para os países que se preparam

para negociar um acordo similar para todo o hemisfério". Para o ex-prefeito da capital mexicana, "A América Latina, e em especial países como a Argentina e o Brasil, deveriam ter uma única vontade: negociar como bloco com os Estados Unidos e não de modo individual. Será chave a decisão que o Mercosul tomará. Mais ainda, o que vocês chamam de 'quatro mais um': a Argentina, o Brasil, Paraguai, Uruguai e o Chile. Se mais países se somarem ao esforço, melhor. Esta idéia de um bloco reduziria a assimetria desses interlocutores com os EUA". Reconhecendo que os EUA não têm nenhum interesse em negociar com blocos de países, ele acredita, no entanto, que isso pode ser modificado. Segundo ele, "algumas coisas estão acontecendo na América Latina, como o esgotamento do modelo neoliberal, que apresentam um cenário no qual podem se obter condições diferentes".

O Direito de morar

Um déficit de 6,6 milhões de moradias convive com 4,6 milhões de imóveis vazios

"O paradoxo salta aos olhos: com um déficit habitacional de 380 mil domicílios, a cidade de São Paulo possui 420.327 moradias vagas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No restante do país, um déficit de 6,6 milhões de habitações convive com cerca de 4,6 milhões de imóveis vazios". Com a apresentação destes dados inicia o editorial 'O direito de morar' do jornal **Folha de S. Paulo**, 14-8-03. Para o editorial, "eis uma situação que exemplifica a conhecida assimetria social brasileira e pela qual o mercado, por si só, não parece ser capaz de fazer muito. As maiores vítimas do déficit habitacional obviamente são pobres. Segundo a secretária-executiva do Ministério das Cidades, Ermínia Maricato, 85% desse contingente estão na faixa de renda abaixo de cinco salários mínimos. Nem mesmo os programas públicos de habitação popular têm conseguido beneficiar essas pessoas".

Movimentos na Igreja: uma eclesialidade aberta

A revista Concilium discute o tema

A revista **Concilium**, revista internacional de teologia, importante referência para quem estuda teologia, fundada, entre outros, por K. Rahner, Y. Congar, E. Schillebeeckx, Hans Küng, editada em várias línguas, no seu último número, que acaba de ser publicado em português pela Editora Vozes, aborda o tema dos movimentos na Igreja. O número é coordenado por Alberto Melloni, historiador italiano, que leciona na Universidade de Roma (Roma III) e autor de inúmeros livros, inclusive alguns traduzidos para o português. Os leitores do **IHU On-Line** conhecem o autor, pois já foi citado várias vezes. Sociólogos, teólogos e biblistas analisam o fenômeno dos movimentos na Igreja. O tema exige que se volte ao cristianismo antigo onde emerge o movimento de Jesus (Jesusbewegung). Gerd Theissen, teólogo, professor de Heidelberg e John Dominique Crossan, estudioso norte-americano, para citar dois cujos livros estão traduzidos para o português, são referências importantes no estudo do movimento de Jesus. A estes, no entanto, devemos juntar a imponente obra de John Meier, já com mais de duas mil páginas, intitulada **Um hebreu marginal**. Esta obra, em vários volumes, está sendo traduzida e já pode ser adquirida em português. Uma resenha desta obra foi publicada no boletim **IHU On-Line**. O teólogo Claudio Gianotto, professor da Universidade de Turim, escreve sobre o tema na revista **Concilium**.

Negri no Brasil

"Em sua primeira viagem ao exterior desde que foi preso, em 1997, acusado de incentivar o terrorismo em seu país, o filósofo italiano Antonio Negri virá ao Brasil no final de outubro. Negri será o principal convidado do 2º Encontro dos Estados Gerais da Psicanálise, megaevento que, em 2001, trouxe o filósofo francês Jacques Derrida ao Rio" – **Jornal do Brasil**, 16-8-03.

Frases da semana

O Blecaute e a 'semiosfera'

"Uma das características de Nova York é a mercantilização da sociedade. Isso ficou muito claro quando o blecaute ocorreu" - Marshall Blonsky, professor de semiologia na New School University – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

"Nessa sociedade eletrônica e consumista, sentimos que somos invulneráveis. O blecaute desmascarou esse simulacro, mostrou que toda a parafernália que nos rodeia é puro lixo" - Marshall Blonsky, professor de semiologia na New School University – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

"Tenho uma televisão de 40 polegadas, um aparelho de som, DVD, três celulares, TV a cabo, fax, computador, internet. Vivo no meio de todas essas coisas, mais do que as controlo. O sociólogo francês Jean Baudrillard diz que nós, no Primeiro Mundo, achamos que estamos protegidos da natureza, das calamidades naturais, do subdesenvolvimento pela intensa atmosfera de ciência e de imagens na qual vivemos. Ele chama isso de "semiosfera". Nessa sociedade eletrônica e consumista, sentimos que somos invulneráveis. O blecaute desmascarou esse simulacro, mostrou que essa parafernália é puro lixo. E, num momento como esse, quando você precisa das pessoas, elas batem a porta na sua cara" - Marshall Blonsky, professor de semiologia na New School University – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

"Este blecaute demonstra, novamente, se bem que por motivos bem diferentes, o quanto somos vulneráveis. Como a Casa Branca podia excluir, depois de poucos minutos, de que se tratasse de um blecaute derivado de um ataque terrorista? Eu não o excluo nem agora. Basto um único louco como Unabomber para jogar na escuridão toda a Costa Leste, entende? Não há nenhuma necessidade do 'network' de Bin Laden" – Howard Gelle, professor universitário, autor do livro *Energy Revolution* e diretor do SouthWest Energy Efficiency Project, *think-tank* para a promoção de políticas ambientais – **Corriere della Sera**, 17-8-03.

Literatura: Insurreição em favor da liberdade

"Acho que a liberdade não é algo com que se nasce. É algo que se deve conquistar dia a dia. Acho também que a literatura é um grande exercício de liberdade, frente às imagens domesticadas, reiteradas e comerciais que nos oferecem" - Antonio Skármeta, escritor chileno, autor de "O Carteiro e o Poeta" – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

"A literatura é uma contínua insurreição em favor da liberdade" - Antonio Skármeta, escritor chileno, autor de "O Carteiro e o Poeta" – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

"O livro exibe uma memória diferente da do autor. Uma seleção própria de lembranças. Sua memória é composta de detalhes, de indícios, de pequenos versos, não se prendendo ao quadro completo. A antologia são os gestos ínfimos que explicam e justificam a intimidade de uma existência. Minha vida, assim como minha biblioteca, é feita na desordem alfabética. Procuro um autor e encontro outro. Sempre que me procuro, acho um novo Fabrício" – Fabrício Carpinejar, poeta, no livro **Caixa de Sapatos**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003 – no artigo "Carpinejar e a memória do presente", **Estado de S. Paulo**, 16-8-03

Haroldo de Campos

"Haroldo de Campos ficará como exemplo de grande intelectual inovador, sempre disposto a lutar com denodo pelas suas idéias. Ficaré também como poeta original e como crítico de alta qualidade, baseado numa cultura bem articulada em torno dos seus pontos de vista. E ficará, talvez sobretudo, porque teve a capacidade rara de alterar os rumos da literatura brasileira de seu tempo" - Antonio Candido, crítico literário – **Estado de S. Paulo**, 17-8-03.

"A nostalgia é um direito do cidadão" – Ecléa Bosi, escritora, falando do lançamento dos livros **O Tempo Vivo da Memória** Ed. Ateliê e **Velhos Amigos**, Companhia das Letras – **Estado de S. Paulo**, 17-8-03.

"É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil" - Ecléa Bosi, escritora, falando do lançamento dos livros **O Tempo Vivo da Memória** Ed. Ateliê e **Velhos Amigos**, Companhia das Letras – **Estado de S. Paulo**, 17-8-03.

Lula: Governo FHC, ano 9

"Lula não está fazendo um governo de esquerda. É o ano número 9 do governo de Fernando Henrique" – Francisco de Oliveira, sociólogo – **O Globo**, 17-8-03.

"A esquerda no poder está gerindo o capitalismo e impedindo seus malefícios naturais. O governo Lula não é um governo de esquerda tal como tínhamos imaginado que seria a esquerda no poder. Mas é uma tentativa muito séria de fazer um governo social-democrata" – José Arthur Gianotti, filósofo – **O Globo**, 17-8-03.

"No Brasil, a pobreza não resulta da insuficiência de renda, mas de sua má distribuição" – Sonia Rocha, economista, autora do livro recém-lançado **Pobreza no Brasil: Afinal, de que se trata?**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003 – **Jornal do Brasil**, 16-8-03.

"Ousar pensar o presente é sempre um risco para o intelectual - reconhece. - Mas não podemos evitar essa tarefa" - Hans Ulrich Gumbrecht, alemão, professor de Literatura Comparada da Universidade de Stanford, na Califórnia, autor de **Filosofia e literatura: o trágico** (Zahar) e **Modernização dos sentidos** (Editora 34) – **Jornal do Brasil**, 16-8-03.

Muito Além do Espetáculo

"O paradoxo de uma sociedade da comunicação instantânea, que, ao mesmo tempo, isola os indivíduos e os deixa sem rumo, quando se trata de pensar os valores que devemos partilhar" - Rodrigo Duarte, professor de filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, falando do evento **Muito além do Espetáculo** a ser realizado em São Paulo e Curitiba, a partir do próximo dia 26 de agosto – **Estado de S. Paulo**, 16-8-03.

"Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade" – Guy Debord, autor do livro **A Sociedade do Espetáculo** que dá origem ao evento **Muito além do Espetáculo** a ser realizado em São Paulo e Curitiba – **Estado de S. Paulo**, 16-8-03.

“A TV é o resultado de uma sociedade que perdeu a vida em proveito da contemplação passiva” – Anselm Jappe, alemão, radicado na Itália, discípulo de G. Debord, autor de um livro sobre ele publicado pela Editora Vozes, participante do evento **Muito Além do Espetáculo - Estado de S. Paulo**, 16-8-03.

O futuro do automóvel

“Num mundo ávido por terra, é hora de reavaliar o futuro do automóvel, projetar sistemas de transportes que promovam mobilidade para populações inteiras, e não apenas para minorias afluentes, e que o faça sem ameaçar a segurança alimentícia” – Lester R. Brown no artigo *Pavimentando o Planeta. Automóveis e agricultura em disputa pela terra*, publicado no sítio www.wwiima.org.br

A fazenda Southall no STF

“Perante a lei, torna-se muito difícil fazer a reforma agrária” – Adão Pretto, deputado federal – PT-RS comentando a decisão do STF sobre a desapropriação da fazenda em São Gabriel – RS – **Folha de S. Paulo**, 15-8-03.

“A mesquinhez venceu a esperança. A injustiça esmagou a constituição” - Nota dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-Terra e Marchantes Rumo a São Gabriel, comentando a decisão do STF sobre a desapropriação da fazenda Southall, 13 mil hectares, maior do que 133 municípios gaúchos.

“O latifúndio é a profanação da terra humana e a negação da paz fraterna” – D. Pedro Casaldaliga, bispo de São Félix do Araguaia, em nota de apoio aos marchantes de São Gabriel.

“É amargo ser juiz honrado no Brasil de hoje” - Sepúlveda Pertence, presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) – **O Globo**, 18-8-03.

O governo Kirchner, segundo Pérez Esquivel

“Não foi casual o problema que Kirchner teve com o helicóptero recentemente” - Adolfo Pérez Esquivel, arquiteto e escultor argentino, Prêmio Nobel da Paz de 1980 – **Folha de S. Paulo**, 18-8-03.

“Orgulha-nos ter um presidente como Kirchner, que enfrenta essa situação (de impunidade)” - Adolfo Pérez Esquivel, arquiteto e escultor argentino, Prêmio Nobel da Paz de 1980 – **Folha de S. Paulo**, 18-8-03.

Alca e Mercosul

“Se (Lula) conseguir fortalecer o Mercosul e transformá-lo numa entidade econômica bem-sucedida, ele terá um imenso impacto no sistema-mundo e na economia-mundo. Trata-se do aspecto mais importante da atual administração brasileira” - Immanuel Wallerstein, professor da Universidade Yale (EUA) – **Folha de S. Paulo**, 18-8-03.

“A Alca é uma medida de força dos EUA. O Mercosul é outro tipo de estrutura. Ambos são fadados a entrar em conflito, pois não são compatíveis entre si” – Immanuel Wallerstein, professor da Universidade Yale (EUA) – **Folha de S. Paulo**, 18-8-03.

O sonho de José

“José tuvo un sueño y el sueño le bastó” – Rubens Ricupero, secretário-geral da Unctad, no artigo “Histórias de braços (e de gente)”, falando de São José – **Folha de S. Paulo**, 17-8-03.

Avisos da Coordenação

Pastorais sociais e IHU

No dia 11 de agosto, a coordenação do IHU participou de uma reunião com pessoas ligadas a pastorais sociais dos municípios de Cachoeirinha, Gravataí e Glorinha. Entre os presentes estava o Pe. Frei Flávio Guerra, responsável pela Pastoral Social dessa região. Participou também da reunião o prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas da Unisinos. O objetivo do encontro foi o debate da possibilidade de uma pesquisa sobre as necessidades sociais mais prementes dos três municípios.

1964: 40 anos

A realização do *Seminário Internacional: 1964 e a instauração do regime militar. Quarenta anos depois*, foi a pauta de uma reunião ocorrida no dia 11 de agosto entre a coordenação do IHU e a comissão organizadora do evento, que está agendado para 2004. A comissão é formada pelo prof. Dr. Flavio Heinz, do PPG em História, profa. Dra. Ivete Keil, do PPG em Educação, profa. Dra. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia, prof. MS Pedro Osório, do Centro de Ciências da Comunicação e da Equipe de Comunicação do IHU, prof. Dr. Rodrigo Gonzalez, do PPG em Direito, e profa. Dra. Gláucia Campregher, do Centro de Ciências Econômicas.

Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI

No dia 16 de agosto, a coordenação do IHU, juntamente com o prof. Dr. José Roque Junges encontrou-se, em Porto Alegre, com o teólogo italiano Bruno Forte, para formalizar o convite, que já aceitara anteriormente, para participar do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, a ser realizado de 24 a 27 de maio de 2004, na Unisinos.

IHU no evento do DCE

No dia 11 de agosto, o prof. Dr. José Odelso Schneider, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e integrante da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, representou o IHU na mesa redonda sobre o programa Fome Zero, juntamente com o deputado federal Ari Vanazzi – PT-RS. O evento foi uma promoção do Diretório Central dos Estudantes – DCE – Unisinos.

Jornalista e Professor Pedro Osório, bem-vindo!

No dia 13 de agosto, a coordenação do IHU se reuniu com o jornalista e professor MS Pedro Osório, para expor o projeto e o programa do Instituto Humanitas Unisinos. O jornalista e professor trabalhará, a partir desta semana, na equipe de comunicação do IHU. Ele acompanhará a realização do boletim semanal, a atualização diária da página do Instituto e da possível futura revista. A ele desejamos as boas-vindas!

DA da Comunicação

No dia 13 de agosto, a coordenação do IHU reuniu-se com a diretoria do Diretório Acadêmico do Centro das Ciências da Comunicação para discutir a programação da recepção aos calouros. O coordenador do IHU foi convidado a participar como conferencista de um evento promovido pelo DA.

Encontros de ética para alunos

No dia 13 de agosto, a coordenação do IHU esteve reunida com Susana Maria Rocca, que trabalha no IHU, discutindo o Encontro de Ética para Alunos e iniciando a discussão da viabilidade da implantação de um serviço de atendimento pastoral e espiritual para a comunidade discente da Unisinos.

III Congresso Internacional de Educação

No dia 14 de agosto, a coordenação do IHU se encontrou com a profa. Dra. Maria Clara Bueno Fischer, do PPG em Educação para discutir a participação do Instituto na realização do III Congresso Internacional de Educação, de 3 a 5 de setembro, e a possível realização de um curso de extensão para a formação de sindicalistas.

EVENTOS IHU

LANÇADO SEXTO NÚMERO DE *CADERNOS IHU IDÉIAS*

Está à disposição dos interessados e interessadas, na Livraria Cultural da Unisinos (ao lado do Instituto Humanitas Unisinos), o sexto número de *Cadernos IHU Idéias*, publicação do IHU, lançada no dia 13 de agosto de 2003. O tema desta edição é **Brasil: entre a identidade vazia e a construção do novo**, de autoria do Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro, professor da USP. O tema foi debatido no *IHU Idéias* e no *Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, eventos promovidos pelo IHU e realizados no dia 12 de junho de 2003.

O artigo traz uma análise provocativa sobre a identidade brasileira. A visão tradicional das análises entendia que a identidade estaria diretamente relacionada à pergunta “quem somos?”, da qual resultaria nossa forma de agir. Ribeiro rompe com essa visão, argumentando que nossa identidade é de fraca definição de “quem somos”, devido ao peso da cultura que dá sustentação a nossa história como espaço da ação humana. Ao invés de adquirir uma identidade, copiando modelos externos, defende a tese de que devemos manter essa fraca identidade, para agir com maior liberdade. O modelo de política que se consolidou, desde a Revolução Francesa, é um padrão que define o espaço político, como lugar dos partidos, fortalecendo o individualismo e a separação entre público e privado. Renato Janine Ribeiro insiste em que não tem mais sentido a imitação. Precisamos criar a nossa teoria política. Por isso, nos convida a uma séria reflexão para compreendermos nossa cultura política que não deixa de lado os sentimentos, e que não separa o público do privado. “É preciso inventar uma democracia em que as relações de afeto não sejam mais autoritárias, mas intensamente democráticas”.

Veja na íntegra o artigo com algumas questões do debate, e que trazem o tema para dentro do recente quadro de mudanças eleitorais acontecidas no Brasil. Os **Cadernos IHU Idéias** foram lançados no dia 30 de junho de 2003. Já foram publicados os seguintes números:

- 1: **A teoria da justiça de John Rawls** – Dr. José Nedel;
- 2: **O feminismo ou os feminismos**: Uma leitura das produções teóricas – Dra. Edla Eggert;
- 3: **O programa Linha Direta**: a sociedade segundo a TV Globo – jornalista Sonia Montaño;
- 4: **Ernani M. Fiori**: Uma filosofia da Educação Popular – Dr. Luiz Gilberto Kronbauer;
- 5: **O ruído de guerra e o silêncio de Deus** – Dr. Manfred Zeuch.

Maiores informações ou esclarecimentos podem ser feitos através do e-mail: humanitas@poa.unisinos.br.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

Depois da sessão de abertura do Ciclo de Estudos sobre o Brasil – 2ª. etapa, realizada na última quinta-feira, dia 7 de agosto, os interessados e interessadas podem se agendar para o dia 11 de setembro, das 14h às 17h, na sala 1C103. O debate versará sobre o livro **Formação econômica do Brasil**, de Celso Furtado, com a ajuda do Prof. Dr. André Moreira Cunha, professor na UFRGS

ABRINDO O LIVRO

No próximo dia 26 de agosto, das 19h45min às 22 horas, realizar-se-á a próxima edição do evento **Abrindo o Livro**. O livro a ser apresentado e debatido é **A Vinda de Deus: Escatologia Cristã**, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção Theologia Publica 3). Quem conduz o debate é o Prof. Dr. Pe. Frei Luiz Carlos Susin, professor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

IHU IDÉIAS

Quem compareceu na última edição de **IHU Idéias**, dia 14 de agosto, fosse de origem pomerana ou não, pôde discutir e aprender algo mais sobre a cultura deste povo. O tema **“Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação popular”** foi desenvolvido pela professora Drª. Edla Eggert, professora do Centro de Ciências Humanas da Unisinos e integrante do Grupo Temático Gênero, do IHU. A apresentação foi um recorte de sua tese de doutorado intitulada **Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcriada)**. Edla dividiu a experiência que teve com seis mulheres de origem pomerana, agentes de saúde nos municípios de São Lourenço do Sul e Canguçu, contando como elas vêem a Igreja, a escola e a sociedade.

Ecos do Evento

“Achei muito interessante. Venho de uma família alemã e o que a professora falou eu vivi em minha casa. Senti que minha experiência foi compartilhada com mais pessoas”.

Gladis Rosane Bunkowski, residente no bairro São João Batista, São Leopoldo.

“Valeu analisar o comportamento das famílias e mulheres e a impressão que elas têm dos pastores, já que pretendo ser pastor. Senti que o líder religioso precisa transmitir mais confiança para as pessoas, mostrando uma atitude mais aberta”.

Wagner Ricardo Jahn, estudante de teologia no Seminário Concórdia, de São Leopoldo.

“Achei excelente. Contribuiu para aumentar os conhecimentos sobre imigração pomerana. A exposição foi objetiva e vimos que a professora domina o assunto”.

Prof. Walter Steyer, professor de História na Ulbra.

A próxima edição do **IHU Idéias** acontece no dia 21 de agosto de 2003, das 17h30min às 19h, na sala 1C103, Centro de Ciências Humanas. O Prof. Dr. Áttico Inácio Chassot, do PPG em Educação, falará a partir do tema *A ciência é masculina? É sim, senhora*. Chassot é graduado em Química, mestre, doutor e pós-doutor em Educação. Sua tese de doutorado intitula-se *Para que(m) é útil o ensino de Química?*.

No dia 28 de agosto de 2003, o tema *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*, será desenvolvido pelo Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut, professor na PUC/RS.

O **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras na sala 1C103, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, sempre é servido água, café e chocolate quente.

CURSO EDUCAÇÃO PARA A PAZ INICIA NO DIA 30

O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o PPG em Educação da Universidade e a ONG *Educadores para a Paz*, promovem o curso de extensão *Educação para a Paz*, que inicia no próximo dia 30 de agosto e estende-se até o dia 29 de novembro de 2003. O curso tem duração de 40 horas e se realiza na sala 1G119, junto ao IHU, das 8h30min às 12h30min. A coordenação é da Prof^a. Dr.^a Cecília Irene Osowski, do PPG em Educação, do Centro de Ciências Humanas e do Prof. Dr. Marcelo Rezende Guimarães, padre da ONG *Educadores para a Paz*⁶.

O objetivo do curso é capacitar educadores para a paz com a finalidade de consolidar experiências de combate à violência através de projetos que envolvam os diferentes segmentos da sociedade.

Podem participar professores, estudantes, integrantes de associações comunitárias e movimentos sociais, agentes comunitários e pacifistas em geral.

Prestam apoio ao evento o Núcleo de Formação de Professores do Centro de Ciências Humanas, o Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências da Comunicação e o Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos.

Será fornecido certificado a todos que tiverem, no mínimo, 75% de frequência.

As inscrições podem ser feitas até o dia 27 de agosto, na Coordenação de Admissão e Matrícula da Unisinos ou via fax. O investimento é de R\$ 80,00 à vista, ou dividido em duas

⁶ Pe. Marcelo apresentou um **IHU Idéias** no dia 29 de maio de 2003. Dele, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 51ª edição, de 17 de março de 2003.

parcelas de R\$ 40,00, sendo uma no ato da matrícula e outra até o dia 30 de setembro de 2003. As vagas são limitadas.

Acompanhe a programação completa do curso:

Dia 30/08

Oficina 1 – *Trabalhando violência no meio escolar*

Ministrante: Marcelo Rezende Guimarães –

Dia 06/09

Oficina 2 – *A não-violência: histórico, metodologia e caminhos.*

Ministrante: Raquel Penna Pinto

Dia 13/09

Oficina 3 – *A educação para a paz: história, necessidade e princípios*

Ministrante: Leonete Cassol

Dia 27/09

Oficina 4 – *Fortalecendo conexões comunitárias e renovar a esperança: grupos e organizações que trabalham pela paz e não-violência*

Ministrante: Sonia Passos

Dia 04/10

Oficina 5 – *Fortalecendo pessoas para serem ativistas de não-violência*

Ministrante: Lúcio Jorge Hammes

Dia 11/10

Oficina 6 – *Abolindo preconceitos e estereótipos*

Ministrante: Beatriz Didonet Nery

Dia 25/10

Oficina 7 – *Diminuindo o potencial de agressão*

Ministrante: Carmem Silveira de Oliveira

Dia 08/11

Oficina 8 – *Instrumentalizando a resolução não-violenta de conflitos*

Ministrante: Ricardo Wangen

Dia 22/11

Oficina 9 – *Criando aversão à violência: crítica do currículo oculto e do militarismo*

Ministrante: Ricardo Wangen

Dia 29/11

Oficina 10 – *Oficinando para a paz: metodologia em educação para a paz*

Ministrante: Cecília Irene Osowski

IHU REPÓRTER



SUSANA MARIA ROCCA

Com sotaque diferente e especial sensibilidade para criar laços de amizade, a psicóloga uruguaia Susana Rocca trabalha na área de concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU. Susana acaba de completar 20 anos de vida consagrada na Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado. Filha de uma consultora familiar e de um advogado e bancário, que dedicou vários anos de sua vida, trabalhando no esporte como tesoureiro da Confederação Sul-americana de Futebol e vice-presidente da Federação Internacional de Futebol Associado (Fifa). Ao longo de sua infância e juventude, Susana teve a oportunidade de conhecer pessoas das mais variadas nacionalidades ligadas ao mundo do esporte e da cultura, experiência que moldou nela uma personalidade aberta a acolher todos. Atualmente, ela está fazendo curso de especialização em psicologia e aconselhamento pastoral na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo.

Origens- Nasci em Montevideú, primeira de quatro irmãos. As lembranças que guardo dos primeiros anos de minha vida estão impregnadas de partilha própria de família numerosa entre primos, tios e avôs, festas, fantasias, surpresas, criatividade. Sempre a casa estava cheia de gente. Aprendíamos a receber os que vinham e a relacionar-nos com todo o tipo de pessoas. Desde pequena, minha mãe nos contava histórias, para mim e meus irmãos, por meio das quais aprendíamos coisas fundamentais para a vida.

Psicologia- Escolhi Psicologia como uma forma de servir os outros. Eu tinha uma sensibilidade especial para com o sofrimento humano, o sofrimento psíquico das pessoas. Formei-me em Psicologia, em 1983, pela Universidade Católica do Uruguai (UCU).

Vocação- Aos 18 anos, vivi uma experiência de fé que deu sentido a minha vida, mas tinha uma imagem da vida consagrada muito diferente do que eu queria ser. Fazendo estágio no final do Curso de Psicologia, me dei conta de que a psicologia não me possibilitava comunicar a experiência de fé a outras pessoas, e sim o acompanhamento pessoal. Na época, eu trabalhava com um padre que daria início à comunidade da qual hoje faço parte. Com ele fazíamos retiros e acompanhamento pessoal de muitos jovens. Esse trabalho pastoral começou a me encantar. Tudo isso me fez perguntar sobre a possibilidade da consagração. Em 1983, me consagrei e em 2001, vim para o Brasil.

Autores - Enrique Rojas, psiquiatra espanhol, pela abordagem que ele faz da psicologia da pós-modernidade, e Henri Nouwen, sacerdote, escritor, psicólogo e professor holandês.

Livro - A parábola do Pai misericordioso, de Álvaro Barreiro, teólogo jesuíta.

Filme - Os últimos passos de um homem, de Tim Robbins.

Nas horas livres- Gosto de me comunicar com as pessoas, rever os amigos, escrever para eles e conhecer novas pessoas.

Presente- Cartas.

Sonho- Ver a juventude universitária experimentando o amor de Deus e construindo caminhos para uma sociedade fraterna.

Unisinos- Um lugar privilegiado para a formação de jovens.

IHU- um espaço criativo de propostas sérias e novas para pensar os desafios do mundo de hoje e alternativas para agir em prol do bem comum.

Uma grande paixão- Jesus Cristo e a juventude.

Sala de Leitura



“Dentre os livros que estou lendo atualmente, um deles se chama **Verdade e Método**, de Hans-Georg Gadamer. Petrópolis: Vozes, 1999. Ele faz uma crítica à questão do método e à forma como a ciência encara a verdade atrelada ao método. A obra resgata a questão do humanismo e o insere na questão da perspectiva hermenêutica filosófica. Com isso, valoriza a tradição e a pré-compreensão do sujeito. Essas questões não cabem nos limites rigorosos do método. Gadamer defende a verdade contra o método. A perspectiva hermenêutica mostra que, quando se compreende algo, significa que, desde sempre, já havia se compreendido, na pré-compreensão. A hermenêutica tradicional divide isso em fatias. O que Gadamer diz nessa obra é que tudo faz parte de um momento, numa visão conjugada”.

Prof. MS Wilson Engelmann, mestre em Direito, professor do Centro de Ciências Jurídicas e integrante da comissão de coordenação do Curso de Direito da Unisinos



“Estou lendo **Supply Chain Management: Strategy, Planning and Operations** (Gerenciamento da Cadeia de Suprimento: Estratégia, Planejamento e Operações), de Sunil Chopra e Peter Meindl. São Paulo: Prentice Hall, 2003. O livro é atualmente o mais completo sobre a visão de logística, abastecimento e distribuição. Ele abre uma área nova dentro da Administração, que é o campo que venho estudando, chamado gestão estratégica da cadeia logística. A obra trabalha o relacionamento entre empresas através de redes, defendendo que elas não podem mais articular suas funções sozinhas”.

Prof. MS Sinval Oliveira Souza, professor do Centro de Ciências Econômicas



“Estou lendo o livro **Em defesa da história: Marxismo e pós-modernismo**, uma coletânea de ensaios organizada por Ellen Meiksins Wood e John Bellamy Foster. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. A proposta do livro é instigar os marxistas a uma postura mais crítica em relação ao pensamento pós-moderno, por meio da discussão de seus pressupostos e do questionamento de suas origens e vínculos sociais. Comento aqui alguns destes ensaios. Ellen M. Wood explora as relações da pós-modernidade com o sucesso do capitalismo consumista dos anos sessenta, dialogando com autores cuja ênfase explicativa recai no novo formato do capitalismo (pós-fordista; desorganizado; flexível). Terry Eagleton examina, em termos hipotéticos, as

possíveis reações da esquerda à derrota política sofrida pelo movimento radical e questiona o imbricamento destas respostas com a teoria pós-moderna. John B. Foster contesta o desmonte da história produzido pelas críticas dos pós-modernos, enfrentando questões como a causalidade na história, a suspensão da análise crítica na reflexão social e o legado marxista para os historiadores.

Para os que estão preocupados com a difícil tarefa de pensar e viver em nosso desesperançado presente vale a leitura.

Profa. Dra. Marluza Marques Harres, doutora e mestre em História e professora do PPG em História da Unisinos

Cartas do Leitor

Caros amigos do IHU:

Acusamos o recebimento dos exemplares do IHU nº 64, conforme havíamos solicitado. Agradecemos a gentileza e rapidez no atendimento ao nosso pedido. Na oportunidade, cumprimentamos pelo belo trabalho que vocês estão realizando.

Um abraço,

Célia Severo

Serviço Social - Extensão à Comunidade:

Assessoria a Movimentos de Mulheres e Organizações Comunitárias

Antiga Sede – Unisinos

Caros amigos:

Agradeço o envio dos cinco primeiros cadernos do Instituto Humanitas Unisinos. Li-os todos e achei excelente o nível. Encaminhei, com uma recomendação expressa minha, à Universidade Católica para fins de intercâmbio ou assinatura. Parabéns pela publicação de muito bom nível.

Pedindo-me recomendar aos amigos da Unisinos envio um abraço fraterno em união de orações,

Dom José Carlos de Lima Vaz, S.J.

Bispo Diocesano de Petrópolis

O sítio www.ihu.unisinos.br

ESPERA SUA VISITA

O Instituto Humanitas Unisinos convida os leitores e as leitoras de **IHU On-Line** para visitar a sua página institucional na internet. O endereço é www.ihu.unisinos.br. No sítio há informações sobre o que é o Instituto, as atividades que promove, a versão eletrônica do boletim semanal **IHU On-Line** e suas edições anteriores, assim como as notícias dos principais jornais do Brasil e do mundo, atualizadas de 2ª a 6ª feira. Há espaço para realizar o cadastro de recebimento por e-mail do boletim semanal **IHU On-Line** e as manchetes dos destaques diários com um link para o sítio. Confira!

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail, às segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Coordenadora adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz. Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. Revisão: Mardilê Friedrich Fabre. Fone: 5903333 ramal 1173 ou 1195. E-mail: Ihuinfo@poa.unisinos.br Sítio: <http://www.ihu.unisinos.br/>



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS